



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADE

DEPARTAMENTO LETRAS

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

MARCELE CABRAL DO NASCIMENTO CAVALCANTE

**DA PAIXÃO À BRUXARIA: UMA ANÁLISE D'AS BRUXAS DE SALÉM, DE
ARTHUR MILLER**

GUARABIRA

2020

MARCELE CABRAL DO NASCIMENTO CAVALCANTE

**DA PAIXÃO À BRUXARIA: UMA ANÁLISE D'AS BRUXAS DE SALÉM, DE
ARTHUR MILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa.

.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2020**

C377p Cavalcante, Marcele Cabral do Nascimento.
Da paixão à bruxaria [manuscrito] : Uma análise da's
bruxas de Salém de Arthur Miller / Marcele Cabral do
Nascimento Cavalcante. - 2020.
56 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2020.
"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Bruxaria. 2. Paixões. 3. Pulsões. 4. Poder. I. Título
21. ed. CDD 810

MARCELE CABRAL DO NASCIMENTO CAVALCANTE

DA PAIXÃO À BRUXARIA: UMA ANÁLISE D'AS BRUXAS DE SALÉM, DE ARTHUR
MILLER

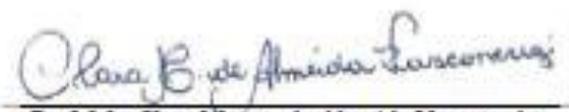
Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e
Psicanálise

Aprovada em: 07 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Clara Myrara de Almeida Vasconcelos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)


Prof. Esp. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O UNIVERSO FICCIONAL DE ARTHUR MILLER.....	15
3.A BRUXARIA: AS INTERFACES DA HISTÓRIA.....	17
<i>3.1 A feitiçaria e bruxaria: a transformação.....</i>	<i>18</i>
<i>3.2 Um epicentro de histeria coletiva: a caça às bruxas de Salém.....</i>	<i>20</i>
<i>3.3.1 Os puritanos e a violência social: a caça às bruxas de Salém</i>	<i>21</i>
4.BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR	24
<i>4.1 Os territórios das pulsões: a paixão e o amor</i>	<i>26</i>
5. ENTRE PAIXÕES E BRUXARIA: UM RETRATO DE SALÉM.....	31
<i>5.1 Poder e perseguição em as bruxas de Salém</i>	<i>34</i>
<i>5.2 Abigail, John e Elizabeth: Um retrato de amores destrutivos em a caça as bruxas de Salém.....</i>	<i>40</i>
6. CONCLUSÃO.....	51
7. REFERÊNCIAS.....	53

A minha mãe, Senhora Maria de Fátima, pelo empenho, por proporcionar a minha educação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a espiritualidade e aos meus mentores de luz que me permitiram trançar esta jornada acadêmica e, por me protegerem e estarem à frente do meu caminhar, sempre.

Também aos meus familiares e aqueles que se consideram meus amigos que mediante as suas palavras de apoio possibilitaram forças para continuar nesta caminhada me ajudando a vencer os obstáculos.

Agradeço a senhora Maria de Fátima Cabral do Nascimento, minha mãe, pela oportunidade do dom da vida, por todas as tribulações que sofreu para que eu recebesse uma educação adequada e pelas suas palavras norteadoras que me fizeram chegar até aqui: “pois somente através da educação e pela busca de conhecimento podemos tornar esse mundo um lugar melhor e digno”.

Aos professores que contribuíram para a minha busca ávida por conhecimento, em especial a Andréia Fernandes que em outrora, ainda no ensino médio, acreditou nas minhas capacidades e me fez enxergar o meu potencial, assim como também estendo meus agradecimentos, A Paula e Sandra, meus exemplos de força e empoderamento feminino na educação básica.

Agradeço ao excelentíssimo professor Me. Rafael Francisco Braz, que perante as desumanidades que me foram acometidas, tornou-se referência profissional e luz para o “fazer” humano. Solo fértil para descobertas e as leituras desta orientação.

A Aline Paiva e o Matheus Maria, meu refúgio e terreno de afetos que me deram apoio nesta jornada. Ao professor Rafael que durante estes meses de orientação ajudou-me, não há palavras para agradecer sua dedicação e total apoio.

Ao meu companheiro e fruto do meu amor sublime, Leandro, que me fez enxergar o amor por uma ótica mais humanista e pela sua compreensão devido aos projetos adiados e os momentos juntos também para que este trabalho fosse conduzido de forma eficaz.

Aos professores do Curso de Letras – Português da UEPB, em especial a Iara, Karla Valéria, Paulo Aldemir e Rosângela que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Marciele pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“A bruxaria não é uma crença que remota aos tempos imemoriáveis. Tampouco é uma superstição. A bruxaria é um modo de representação do mundo e das forças invisíveis que o animam. Os sabás e as missas negras, os grandes processos da Inquisição e as fogueiras, cujas imagens nos fascinam ainda hoje, têm uma história, com princípio, meio e fim” (Jean- Michel Sallmann)

RESUMO

A literatura, através da recriação da arte da palavra, permite-nos observar os múltiplos afetos e eventos da humanidade, sendo assim, possui em seu papel social a capacidade de despertar a subjetividade para que possamos compreender a feitura do humano. A presente pesquisa corresponde a um estudo em que analisamos a obra *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos*, de autoria do dramaturgo norte Americano Arthur Miller, publicado em 2009. O objetivo deste trabalho é analisar como a bruxaria foi um movimento de caça ao diferente à luz do texto literário, e como os afetos provenientes das paixões acarretaram a destruição de vidas, assim fazendo da literatura um ponto de interconexão com a realidade e veículo para humanização. Utilizamos para este fim principalmente as leituras de Russall (1993; 2019) e assim como o Sallmann (2002), a fim de traçarmos um panorama histórico sobre a bruxaria, e as contribuições de Foucault (1976), para enfim explanarmos as relações de poder, como também utilizaremos as produções das teorias da psicanálise à luz de: Kehl(2009), Lebrun(2009), Chemama(1995) e Lacan(1960) em virtude de traçarmos um panorama acerca das paixões que originam afetos, que por ora geram a destruição e acontecimentos insalubres na história da humanidade, como o episódio em Salém. A partir disso, compreendemos que a literatura, em suas representações literárias, permite-nos observar como os discursos podem estar ligados às relações de poder e os afetos. Neste trabalho propomos uma investigação em três pontos que se conectam: a bruxaria em sua concepção histórica, a bruxaria e as relações de poder através do panorama do fundamentalismo religioso e por último como estes pontos podem tornar-se eixo norteador para a morte de 19 pessoas em virtude das paixões amorosas de seus personagens.

Palavras-Chave: Bruxaria. Paixões. Pulsões. Poder.

RÉSUMÉ

La littérature, à travers la recréation de l'art de la parole, nous permet d'observer les multiples affects et événements de l'humanité, ainsi, elle a dans son rôle social la capacité d'éveiller la subjectivité pour que nous puissions comprendre la fabrication de l'humain..La présente recherche correspond à une étude dans laquelle nous avons analysé l'oeuvre Les sorcières de Salem: une pièce en quatre actes, du dramaturge américain Arthur Miller, publiée en 2009. L'objectif de ce travail est d'analyser comment la sorcellerie était un mouvement de chasse aux différents et comment les affections issues des passions ont conduit à la destruction de vies, faisant ainsi de la littérature un point d'interconnexion avec la réalité et un vecteur d'humanisation. Pour cela, nous utilisons principalement les lectures de Russall (1993; 2019) et ainsi que de Sallmann (2002), afin de faire un panorama historique de la sorcellerie, et les apports de Foucault (1976), pour enfin expliquer les relations de pouvoir, mais nous utiliserons également les théories de la psychanalyse de: Kehl (2009), Lebrun (2009), Fraud apud Chemama (1995) et Lacan (1960) car pour l'instant, il génère des destructions et des événements malsains dans l'histoire de l'humanité, comme l'épisode de Salem. On comprend que la littérature, dans ses représentations littéraires, permet d'observer comment les discours peuvent être liés aux relations de pouvoir et aux affections. Dans cet ouvrage, nous proposons une investigation en trois points qui se connectent: la sorcellerie dans sa conception historique, la sorcellerie et les relations de pouvoir à travers le panorama du fondamentalisme religieux et enfin comment ces points peuvent devenir l'axe directeur de la mort de 19 personnes. en vertu des passions affectueuses de ses personnages.

Mots-clés: Sorcellerie. Passions. Les légumineuses. Puissance

1 INTRODUÇÃO

A literatura nos possibilita compreendermos através da recriação da arte da palavra, anseios, desejos e também, as inquietudes protuberantes do mais íntimo que se revelam através dessa linguagem ficcional, para entendermos o nosso lugar no mundo, como também, nossas construções sociais, ideológicas, culturais e, sobretudo, nos possibilita humanizarmos perante a vida e dos acontecimentos sócio históricos.

Desta forma, podemos aprender com o passado, para que não cometemos os mesmos erros no tempo presente, já que há uma nostalgia que permeia em nós, às vezes, mais oriundas sensações, por hora, antagônicas que nos fazem questionar nosso lugar de fala e de sujeito social no mundo, pois é a partir dessa perspectiva que a literatura e o contexto histórico se entrelaçam.

Um fato histórico que marcou o final do século XVII foi à caça às bruxas em Salém, no estado norte-americano de Massachusetts. Dezenove pessoas, em sua grande maioria mulheres, foram acusadas de cometerem bruxaria, crime que as levariam à morte. Tal situação ocorreu em consequência do fruto da histeria coletiva e de um profundo grau de ignorância em decorrência do fundamentalismo religioso. O ocorrido toma forma, devido ao fato de que algumas garotas de uma comunidade passaram a agir de forma “estranha”.

Esse fato histórico serviu como fonte de inspiração para que, o escritor Arthur Miller produzisse em 1953 a peça: *As bruxas de Salém*¹ que tinha por objetivo dramatizar os acontecimentos ocorridos na comunidade. O autor, ao produzir esta peça, faz jus a um momento de caráter insalubre de guerra fria e do sentimento anti-comunista que se desenvolvia na sociedade norte-americana nos anos 1950 influenciado pelo período Macarthismo².

As características ecoam ares de metáforas a fim de evocar construções históricas que ocorram num tempo do passado, em que tudo que poderia afligir a moral e os bons costumes era visto como subversível e, portanto, algo a ser combatido. Para Arthur Miller, em sua contribuição ficcional como dramaturgo, possibilita-nos refletir como estes aspectos ainda se

¹Original “*The Crucible*”

²De acordo com pesquisa na obra “A história não contada dos estados unidos” do autor Peter Kuznick(2012) Foi um movimento político de forte repressão ao comunismo nos Estados Unidos que durante os anos de 1950-1957 produziu acusações infundadas e de caráter demagogo justificado pelo patriotismo e as ideias do então senador Joseph McCarthy, em que funcionários públicos, pessoas do cenário artístico e outros tantos estadunidenses foram acusados, agredidos ou punidos em sua grande maioria por inquéritos que mais tarde foram anulados.

fazem presente nas sociedades, o que revela a importância da literatura para emancipação do caráter humano.

O foco narrativo da peça *As bruxas de Salém* (2009), se dá após o reverendo da cidade encontrar um grupo de garotas dançando na floresta em companhia de Tituba, uma escrava africana. Após o ocorrido, a filha do reverendo, Betty Parris, entra em um estado de transe e, desta maneira, os rumores sobre bruxaria começaram a se espalharem. Nessa perspectiva, dá-se início a uma série de acusações, conduzidas por Abigail Willians, sobrinha do reverendo Parris, junto a um grupo de jovens para encontrarem um suposto acusado pelo que havia sucedido.

Movida pela proliferação da histeria coletiva, a personagem feminina, Abigail Willians, vê na base insólita da estrutura social, um viés para vingar-se por ter sido rejeitada por John Proctor (camponês e fruto de desejo) levando as pessoas da comunidade - que já viviam em situação conflitante devido aos limites das terras -, a cometerem atos infames incluindo as acusações de bruxaria.

O ressentimento é dito por Nietzsche (1999³), como um dos afetos que residem na incapacidade que tem o indivíduo em digerir as suas experiências afetivas na vida cotidiana, fazendo de um fato que produziu uma experiência negativa, ser refletido em outrem. Tais perspectivas encontramos na obra, em que a dificuldade de compreensão sobre os sentimentos relacionados ao amor, pode levar a situações conflitantes, como o que ocorreu no povoado de Salém.

Posto isto, o que conduz ao caos em Salém, está relacionado aos sentimentos que vemos refletidos em seus personagens, devido ao alto grau de fundamentalismo religioso e da influência do mesmo perante os processos penais, junto a isto, a histeria que se produz devido aos fatores: a) decadência dos pontos vitais; b) uma ruptura entre o Eu e o mundo; em que os históricos não conseguem correlacionar um estado de alegria no contato saudável das relações sociais.

Seguindo essa linha de pensamento, propomos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de gênero acadêmico monografia é de interpretar a peça *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009), de autoria dramaturgo Arthur Miller, através de um estudo da categoria analítica da personagem, com ênfase na personagem feminina de Abigail Willians, a fim de elucidarmos como a caça às bruxas, à histeria coletiva e os anseios humanos podem ser

³**Genealogia da Moral: uma polêmica.** Tradução: de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

enraizados pelos afetos. Não propomos fazer um estudo de caráter psicológico, entretanto, faremos uso da produção teórica para respaldarmos como a literatura e a crítica psicanalítica podem confabular com objetivo de entendermos que através da arte da palavra, podemos compreender a feitura do humano, seus anseios mais íntimos e, também, seus afetos que produzem sensações e carregam consigo cargas importantes como a historicidade, em virtude de contribuir para a construção do sujeito.

Nessa pesquisa de TCC, propomos uma investigação através de três perspectivas que se entrelaçam - a histórica, a teoria psicanalítica e ao gênero literário - através da categoria temática personagem e do puritanismo da comunidade de Salém, assim podemos traçar através da imagem da bruxa, como a sociedade produz na figura do outro, espiar suas culpas e desejos. Deste modo, apresentamos os seguintes objetivos específicos: 1) Interpretar como a bruxaria fora um movimento de caça ao diferente e como o fundamentalismo religioso pode proporcionar conjecturas nefastas a história da humanidade; 2) apontar como os afetos podem influenciar a sociedade puritana de Salém 3) assim como analisar a sociedade de Salém e como a figura da mulher é vista pela ótica do puritismo.

De acordo com esta linha de raciocínio, justificamos a presente pesquisa de caráter qualitativo, como uma singela contribuição para a comunidade acadêmica e demais áreas do conhecimento, para que possamos através desta monografia, analisar a importância da literatura com ênfase no *corpus As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009), para a formação humana, sobretudo do que tange aos afetos, com intuito de não repetimos atos abomináveis que possam ter ocorrido outrora e que ainda produz resquícios de ordem negativa na sociedade contemporânea.

No que tange aos nossos pressupostos teóricos, a fundamentação passa pela contextualização à luz de Russall (1993 e 2019) e, assim como, o Sallmann(2002) com o intuito de traçarmos um panorama acerca da bruxaria e feitiçaria no mundo e a caça às bruxas de Salém. Além das significativas contribuições de Foucault (1976) para evidenciarmos sobre as relações de poder que ocorriam na sociedade puritana de Salém e Pereira(2009) para explicarmos a relação entre literatura e cinema.

Também utilizaremos as produções das teorias da psicanálise à luz de: Kehl(2009), Lebrun(2009), Chemam1995) e Lacan(1960) com o intuito de explanarmos as relações entre as paixões e as pulsões que resultam nos diferentes tipos de afetos. Seguindo essa linha de raciocínio, voltamo-nos para Barros (2001), Lins e Delumeau (1998) em virtude de explanarmos as condições das figuras femininas e sua relação com a bruxaria e, por fim,

também com Palonsky (1997) com a finalidade de explanarmos a condição do amor/ paixão destrutivo.

Portanto, nossos focos de análise estão relacionados à bruxaria e o amor, sendo este último, o ponto de partida que produz a base dramática e ficcional da obra *corpus* desta investigação. Diante dos pontos supracitados, para melhor execução desta pesquisa, subdividimos esta monografia da seguinte forma: primeiramente, tecemos nossas considerações iniciais seguido das breves considerações sobre o autor do *corpus* “*As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos*”. Posteriormente seguidos dos dois capítulos metodológicos, o primeiro explanando as questões de ordem histórica sobre a bruxaria e a caça as bruxas e o segundo partindo para as questões da ordem da psicanálise sobre as paixões. Em seguida faremos nossos apontamentos, nossa análise e discussões em dois capítulos, tecendo inicialmente considerações sobre as relações de poder em Salém e o fundamentalismo religioso, com foco nas figuras femininas, e o segundo sobre as paixões amorosas que resultam em destruição. E, por fim, nossas considerações finais e as referências, assim como os demais anexos.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O UNIVERSO FICCIONAL DE ARTHUR MILLER

Arthur Asher Miller nasceu no ano de 1915, em 17 de Outubro no Halem, Nova Iorque. Segundo Dilva Frazão (2015), seus progenitores eram de origem polonesa que fundaram uma empresa do ramo têxtil, que até então gerava bons rendimentos à família. Entretanto, o período conhecido como a Grande Depressão⁴, desencadeou problemas de ordem financeira, fazendo com que o jovem Arthur Miller tivesse que procurar emprego em diversos seguimentos.

Com o seu trabalho, conseguiu custear sua própria educação o que o levaria a estudar na universidade de Michigan no ano de 1938. cursou jornalismo e foi nessa instituição que começou a desenvolver sua veia ficcional. De acordo com *Encyclopedia Britannica* (2019), seu primeiro sucesso foi uma obra chamada *Focus* (1945) romance de caráter anti-semitismo filmado posteriormente, em 1962 para a televisão.

A conjectura ocasionou a popularização de sua obra, devido ao fato de que os Estados Unidos travavam um embate contra o nazismo. Sua primeira peça de sucesso *All My Sons* (1947) que também teve uma versão traduzida para a televisão em 1948. Tratava-se de um fabricante de materiais de guerra que devido a falhas técnicas ocasionou a morte do seu filho, mais uma obra dentro do contexto da segunda guerra mundial, inclusive rendeu ao autor o prêmio *Tony Award*⁵.

Foi no ano 1953, que o autor produziu uma das suas mais aclamadas obras, que marcaria seu nome como um dos maiores dramaturgos dos Estados Unidos, a peça *As bruxas de Salém* (*The Crucible*) que teve sua primeira tradução para as telas cinematográficas em 1957, por Jean- Paul Sacre. Anos depois, mais especificamente em 1996, o diretor Nicholas Hyter dirigiu a mais conhecida tradução para as telas da peça de Miller.

Para os críticos em geral, a obra de Miller tomou proporções após ser difundida pelo cinema. Sendo a peça *As bruxas de Salém* (2009), o nosso objeto de estudo, propomos somente, fazermos uma breve reflexão sobre a relação entre o texto teatral e sua tradução para tela, afinal não poderíamos nos apropriar do termo semântico adaptação, visto que

⁴Foi uma crise econômica ocorrida nos anos de 1929 o que desencadeou as maiores oscilações na bolsa de Nova Iorque até a década de 1930, tal período só deu-se ao fim devido a segunda Guerra Mundial, sendo considerado um dos piores momentos para o sistema capitalista do século XX.

⁵ É o maior e mais prestigiado prêmio do teatro Estadunidense, equivalente ao Oscar para o cinema ou o Grammy para a música.

tomaríamos lacunas advindas das características subjetivas que o leitor absorve e transforma no ato de ler.

De acordo com Pereira (2009), o cinema corresponde ao momento em que a criação artística toma outra forma, a fim de desconstruir um olhar cotidiano e assim produzir uma nova noção do que tange o tempo e o espaço, desta forma, conseguimos entender que por mais que as contribuições possam ser distintas, ambas enriquecem o olhar para obra literária.

Em *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos*(2009) podemos trazer à tona o estilo linguístico, as divagações do autor sobre a sociedade puritana, a própria estrutura do texto teatral, que de certa maneira é traduzida para o cinema de forma que algumas dessas características se perdem. Entretanto, a produção fílmica trouxe outros ganhos, como por exemplo, a trilha sonora, a escolha do cenário, o figurino dos personagens que produzem novas sensações para aqueles que apreciam a arte cinematográfica. Desta forma, ambos tornam-se um grande encontro de linguagens que acarretam o uso da força criativa para a produção de novos sentidos. Dessa maneira, postula Pereira (2009):

A narratividade continua a ser o traço hegemônico da cinematografia, apesar da grande diferença entre a página de um livro e a tela branca do cinema. Ambos acionam sentimentos e se transformam em imagens na mente do homem imaginário. Ambas as artes, Cinema e Literatura, apesar de se constituírem sistemas semióticos distintos, possuem o nobre ofício de alimentar e trazer para as mídias o prestígio da grande arte ou, no dizer de alguns, tornam a arte erudita acessível ao grande público. (PEREIRA, 2009, p. 42)

Para tanto, esta conjectura permite-nos compreender que ambas as artes proporcionam mais que um simples ato de entretenimento, como também ao ato de desenvolvimento de linguagens e subjetividades ao leitor e telespectador. Uma das características das obras de Arthur Miller é expressar as críticas à sociedade estadunidense do século XX, evidenciando as represarias e o estilo de vida do sistema capitalista americano.

Podemos, portanto, fazer alusão em que as perseguições de ordem puritana que ocorrem em Salém durante o século XVII e que inspiraram Miller a produzir sua obra, podem estar entrelaçadas às críticas do autor sobre o sentimento anticomunista da sociedade América. Isso se dá devido ao fato de que muitos artistas, entre os anos 40 e 50, foram perseguidos por estarem expondo condutas comunistas e/ou subversivas pelas suas artes.

Essa caça às bruxas e delações ocorridas nos Estados Unidos em meados do século XX, nos reflete que a obra de Arthur Miller pode contribuir para que tenhamos um olhar crítico acerca da sociedade que muitas vezes, absortas pelos desejos e relações de poder, conduzem seus demais ao caos e a desolação de caráter humano e social.

3. A BRUXARIA: AS INTERFACES DA HISTÓRIA

A bruxaria não está arraigada aos tempos longínquos e nem tão pouco as superstições e a carga que isso aplica na história da humanidade. A bruxaria está pautada nas concepções de fascínio e mistérios, dos arquétipos do imaginário coletivo que revelam a inquietude dos homens com o desconhecido, o inverossímil, o inexplicável aos olhos e essa inconstância protuberante de entender o que está além das forças visíveis.

Não podemos traçar nesse estudo, afirmações exatas em relação ao surgimento da bruxaria, no entanto, podemos apontar em quais momentos esse fenômeno tornou-se algo forte, sobretudo nas comunidades agrícolas e, posteriormente, com a ascensão do cristianismo em algumas comunidades da Europa medieval estendendo até a América, o que perpetuou a bruxaria como uma forma de interconexão com a heresia.

De acordo com pesquisador e historiador Jean-Michel Sallmann, na obra *As bruxas noivas de Satã* (2002) o investigador afirma que os primeiros bruxos foram os Valdenses de Arras, pessoas que eram ligadas a Reforma Protestante e que foram acusados de bruxaria em virtude dos atos de propagar heresia entre os cristãos, segundo a igreja católica. A crença em seitas de adoração ao demônio se espalhou por diversos lugares, em que qualquer pessoa com conduta herética, mulheres ou judeus poderiam estar ligados à bruxaria.

Contudo, a bruxaria não se fixou somente aos grupos citados acima. Quando uma sociedade tem bases insólitas, quando uma população é dizimada por doenças e calamidades, quando os meios de produção de alimentos são assolados pelas pragas, é necessário encontrar culpados destes malefícios e, quase sempre, os seres humanos atribuem estes acontecimentos a forças posteriores ao plano físico, composto pela maldade. Segundo Sallmann(2002):

A cada golpe de desgraça, as comunidades aldeãs exerciam represarias contra esses pretensos bruxos, o que frequentemente resultava em seu linchamento. Nos últimos dois séculos da idade Média, que foram particularmente agitados – um historiador da Normandia falou, por exemplo, de uma “Hiroshima demográfica” na primeira metade do século XV-, os arquivos criminais viram os processos por feitiçaria se multiplicarem. Sinal de que a inquietação crescente da população e que a tornou mais acessível à ideologia da bruxaria. (SALLMANN, 2002. p. 25)

Neste sentido, protagonizou a ascensão da crença na existência das bruxas, em que diversas pessoas, incluindo aquelas de posição social elevada, foram acusadas e outras tantas, levadas aos tribunais e, conseqüentemente, à forca ou à fogueira. Essa sensação de medo na coletividade Européia e em diversas outras civilizações ao redor do mundo contribuiu para levar à morte milhares de pessoas, uma verdadeira caçada às bruxas baseados no

fundamentalismo religioso. Desta forma explanaremos a seguir como a feitiçaria e a bruxaria foi modificada gradativamente através da teologia cristã.

3. 1 Feitiçaria e bruxaria: a transformação

A prática de feitiçaria está registrada em diversas partes do mundo à luz do conceito de que todas as coisas existentes fazem parte de uma conexão. De acordo com Russall (1993, p. 3) “A feitiçaria ocorre em quase todas as sociedades do mundo. É, também, o mais antigo e o mais profundo elemento no conceito histórico da bruxaria Européia, a qual se formou a partir da religião pagã, folclore, heresia cristã e teologia”. Portanto, a base para fomentar as mais diversas crenças.

A feitiçaria consiste, de forma genérica, em um mecanismo que se utiliza de materiais do campo físico com o intuito de produzir uma ação energética, como por exemplo, o hábito de espetar alfinetes na imagem de alguém buscando causar a dor a quem está projetado, ou praticar relações sexuais antes das colheitas para trazer abundância e fartura, ou seja, uma ação mais a intencionalidade daqueles que os praticam com a finalidade de gerar um efeito desejado.

A feitiçaria muitas vezes estava ligada à magia que corresponde à ideia de influenciar de forma quase imediata os acontecimentos, seja utilizando-se de um amuleto, ou ervas com a intenção de curar os doentes, seja por meio de utensílios ou com auxílio de ações simbólicas, cerimoniais ou rituais e muita das vezes vista como uma forma de benefício em detrimento das sociedades.

De acordo com Russel (2019, p. 21): “Enquanto que a feitiçaria era praticada em remotas partes do mundo, podendo ou não ser de origem maléfica ou benéfica, podendo ser mecânica [...] a ‘bruxaria’ significava a chamada de bruxaria diabólica que se perpetuou até a caça às bruxas” No entanto, este quadro foi se modificando com a ascensão do cristianismo na Europa, movidos pela busca de poder e a extinção das religiões pagãs, expoentes da igreja católica começaram a demonizar qualquer atitude que fugisse dos ‘caminhos de Deus’, pois ainda à luz do que postula Russell (1993):

Durante esse longo período, a teologia cristã foi provocando a transformação gradual da feitiçaria. Santo Agostinho, o mais influente teólogo cristão, argumentou que magia, a religião e as feitiçarias pagãs foram todas inventadas pelo Diabo com o intuito de induzir a humanidade a afastar-se da verdade cristã. Alguns dos efeitos da feitiçaria são meras ilusões, disse santo Agostinho; outros são reais. Mas realidade ou ilusão são obras diabólicas. As feiticeiras, ao invocar os espíritos, estão convocando demônios (RUSSELL, 1993, p. 26).

O que antes era visto como algo benéfico para as comunidades começou a ser associado a ações inspiradas pelo demônio. Os cristãos utilizando-se dessa artimanha conseguiram produzir um efeito negativo a imagem de pagãos e feiticeiros fazendo com que estes fossem personificados como agentes do mal. Assim sendo, iniciou-se relatos que antigas parteiras agora voavam nuas sobre vassouras levando bebês para serem cozinhados, mulheres dançando com a deusa Romana Diana na escuridão da floresta, reuniões secretas de homens para praticar a missa negra, começaram a circular por todas as comunidades Européias, fazendo com que o medo, baseado no fundamentalismo religioso tomasse grandes proporções.

Posto isso, é nos permitido revelar as seguintes indagações: O que leva às pessoas a acreditarem em fenômenos como esse? Quais são as fundamentações que estes padrões sociais permitem revelar sobre essa sociedade? Tais apontamentos, podem ser explicados: a) devido a busca de domínio das massas através de um antagonista maléfico, b) devido a necessidade dos homens em julgar e c) uma intencionalidade que visa refletir no outro o que está internalizado pelo sujeito.

Compreendemos que a figura do demônio, assim como as bruxas, serviria de arma para manter posicionamentos de figuras importantes ou simplesmente, contribuir para que através do medo que isto produzia manter a vida das comunidades sobre a vigília da igreja. Podemos deslumbrar em nosso *corpus As bruxas de Salém (2009)*, através da figura da personagem do reverendo Samuel Parris aspectos comuns do que apresentamos acima. Segundo Miller (2009):

Quando nos lembramos que até a era cristã o submundo nunca foi visto como uma área hostil, que todos os deuses eram úteis e essencialmente amigáveis ao homem apesar de certos lapsos ocasionais; quando vemos a inculcação constante e metódica na humanidade da ideia de inutilidade do homem- enquanto não redimido- , a necessidade do Diabo pode se tornar evidente como uma arma, uma arma criada e usada insistentemente em todas as eras para acoitar os homens e subjugar-los a uma igreja ou Estado-igreja específicos. (MILLER, 2009, p. 296)

Portanto, seguindo essa linha de pensamento, as imagens do mal correspondem como uma forma que ora a inquisição ora as próprias leis utilizaram-se, a fim garantir seus privilégios. De acordo com Miller (2009, p. 297) “Uma vez efetivamente realizada essa equação, a sociedade se torna uma acumulação de tramas e contra tramas e o papel principal do governo muda do árbitro para o flagelo de Deus” Sendo assim, através de um processo de manter escravizadas as mentes humanas, tornando os homens marionetes de deus.

Essa conjectura em que se encontra a bruxaria na Europa sendo um conjunto de crenças – sejam estas folclóricas, de caráter herético, teológicas ou antropológicas- estão baseadas no fato de que a figura da bruxa, torna possível expurgar anseios, preconceitos e desejos humanos que não poderiam vir à luz se não tivessem baseadas no conceito de fé. Nessa perspectiva observaremos a seguir como a comunidade de Salém e seus habitantes possibilitam uma análise acerca dos apontamentos supracitados.

3.2 Um epicentro de histeria coletiva: a caça às bruxas de Salém

A partir do século XIV, os elementos relacionados à bruxaria foram tomando grandes proporções. O medo em relação à existência de bruxas foi saindo de breves acontecimentos das comunidades aldeãs e se espalhou por grande parte da Europa convertendo-se em uma concepção quase febricitante que produziu tamanho efeito capaz de levar a uma caçada de quase duzentos anos.

Poderíamos nos basear nas calamidades dos séculos anteriores ou das ideias que estes acontecimentos, porventura estavam associados somente as mazelas que arrastavam durante o período da idade das trevas, mas isto seria no mínimo uma meia verdade, afinal a caça às bruxas vai além dessas concepções, visto que doenças, pragas e pestes sempre ocorreram, esporadicamente, na história da humanidade e, isto, não resultou a uma caça as bruxas.

É difícil traçar apontamentos sobre todos os pontos que levaram ao ocorrido, porém podemos exemplificar o que compõem alguns estudos a fim de elucidar, em meio às interfaces dos acontecimentos, o que resultou na caçada, pois de acordo com Russell (2019):

As sanções legais contra a bruxaria se endureceram continuamente à medida que se consolidava a noção de que toda a feitiçaria envolvia um pacto com o Diabo. A crescente severidade da teoria legal igualava-se à cada vez maior crueldade da prática legal. Cada nova prova pretensamente irrefutável de crime de bruxaria e cada condenação do réu justificavam medidas mais implacáveis, incluindo tortura, que por sua vez, produzia confissões; as confissões produziam mais condenações e, assim, crença e repressão iam se alimentando uma à outra. (RUSSELL, 2019, p. 95)

Neste sentido, contribuiu para que a bruxaria passasse do status de “crime contra a sociedade” e fosse considerado, também, como crime contra Deus. Nessa conduta, a figura da bruxa passou a contabilizar todos os erros, desejos e busca pelo poder daquela sociedade, em que ao denunciar alguém, as vontades humanas ficariam dissolvidas, atribuindo a elas as características de outrem.

Diante desses acontecimentos, não somente condenar uma pessoa por projetar nesta, desejos ou anseios, foi considerado normal, como também algo louvável e patriota,

totalmente, visto como uma boa conduta. O direito influenciado pela teologia foi muitíssimo importante para concretizar a bruxaria como crime nas sociedades da Europa, entretantes apenas a partir da primeira metade do século XVI, essa conjectura tomou uma maior proporção, sobretudo um dos casos mais famosos, o julgamento das bruxas de Salém.

3.3.1 Os puritanos e a influência de um sistema social: a caça às bruxas em Salém

O puritanismo foi um movimento composto pelas pessoas da igreja protestante que não estavam satisfeitos com a condução da fé, em virtude de acreditarem que o protestantismo naquela época do século XVI, ainda não havia rompido excepcionalmente, com os dogmas do catolicismo. Estes partiram da Inglaterra e foram para América sendo umas das primeiras classes, a colonizarem o que hoje conhecemos como Estados Unidos.

Ocorria na Europa um movimento puritano mais substancial enquanto uma onda de imigrantes para a América levou consigo os desejos e práticas destas pessoas que até então fugiam das perseguições religiosas de heresia e bruxaria na sua pátria-mãe. Estes não concordavam as decisões da igreja Anglicana e queriam erradicar o catolicismo de suas bases e daquilo que não estava de acordo com a fé dos mesmos.

À luz do que postula o *U.S. Department of State* (2011), esses primeiros imigrantes chegaram, no que hoje é conhecido EUA no começo do século XVII. Tendo como intuito uma vida melhor ou liberdade religiosa, afinal muitos dos reverendos que viriam para América abandonaram na Inglaterra suas igrejas ou/ e congregações.

Por ser uma cidade do novo mundo, a crescente dificuldade de lidar com os nativos indígenas que quase sempre eram vistos como pagãos degenerados aos qual a sociedade de Salém acreditava ser, Segundo Miller (2009, p. 274) “Criaturas do diabo e suas florestas, o último lugar da terra a não prestar homenagem a Deus”. Desta maneira ficaram conhecidos como os “peles- vermelhas” os índios quase sempre viviam em confronto com os colonizadores, e em Salém não foi uma exceção.

É desta referência histórica que Arthur Miller, produz a peça *As bruxas de Salém* (2009). A obra literária é subdivida em quatro atos, que visa narrar acontecimentos ambientados em Salém, Massachussets, por volta dos anos 1642. Tendo o foco às acusações sobre bruxaria o apogeu da peça se dá devido ao evento em que meninas da comunidade foram vistas dançando na floresta com uma escrava, Tituba, e todos acreditaram ser uma ocorrência de bruxaria. A partir disto, acusações e a histeria coletiva tomam conta da cidade, em que pessoas, supostamente estavam ligadas a ações do diabo.

É notório que o autor tenha se baseado no evento de caça às bruxas em Salém que ocorrem no século XVII e que seus personagens são inspirações de pessoas que realmente existiram, entretanto, Miller ainda nas primeiras páginas, deixa claro que a peça não é uma verdade unilateral, ou seja, não é precisamente uma construção da história. Mas, através dos seus personagens traça as características seja dos juízes do caso, ou de outros tantos personagens como a idade e quantidade de garotas que estavam presentes no ocorrido antes citado.

Mas há algo que devemos pontuar sobre a conduta de Miller, a essência de seus personagens foi mantida, suas ações e sua representação condizem para os fatos e a influência de alguns personagens para o rumo dos acontecimentos que levariam posteriormente, ao julgamento e execução de diversas pessoas daquela remota cidade do estado de Massachusetts, pelo crime de bruxaria.

Essa desordem social provocou nas linhas superficiais dessa comunidade as dúvidas e incertezas sobre o rumo e os acontecimentos, levando a massa a acreditar que eventos místicos e de natureza sombria são os responsáveis pelos infortúnios dessa gente, e por consequência àqueles que estão à margem da sociedade servem piamente como bode expiatório para as frustrações humanas.

Cada sujeito tem suas construções sociais, seus desejos e afins, em que seu discurso possibilita revelar o que o mesmo tenta ocultar. É a partir disso e do que nos permite os estudos culturais, que vamos traçar breves considerações sobre as relações de poder que permitiram a consonância da bruxaria no vilarejo de Salém.

De acordo com que postula Foucault (1988)⁶ o conhecimento é sempre um exercício de poder, sendo esse, sempre uma função do conhecimento. Seguindo essa linha de pensamento podemos dizer que, o exercício do poder que se perpassa através do discurso, produz no meio social uma forma de controle das massas. A confissão através das relações de poder é enveredada no texto de Miller, personagens majoritariamente masculinos utilizam-se dessa posição sobre o outro.

O dramaturgo nos permite observar tal perspectiva a partir da seguinte passagem: Segundo Miller (2009, p. 275) "Velhas rixas poderiam ser resolvidas num plano de combate celestial entre Lúcifer e o Senhor; e as suspeitas e a inveja que os miseráveis tinham dos felizes podiam e efetivamente explodiam em vingança generalizada". Ou seja, quando existe a oportunidade dessa sociedade expor suas culpas e desejos usando como veículo a prática de

⁶**História da sexualidade: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque ; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

bruxaria, tornam seus atos professados para o bem comum. As sociedades que se baseiam em meios de exclusão e proibição, como os puritanos, permitem que as relações de poder ocorram.

Sendo assim, a caça às bruxas em Salém foi uma boa oportunidade para que sujeitos cheios de cobiça, desejo sexual poderiam se expressar abertamente e proclamar seus tão baixos instintos baseados na fé e das citações adjutórias e fastidiosas da bíblia cristã, desta maneira brigas e afins eram postos a partir da ótica do bem e do mal e seus habitantes como precursores do próprio Deus.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

Antes das contribuições de Freud para psicanálise no final do século XIX, desde os tempos remotos como, por exemplo, a Grécia antiga como os seus pensadores e filósofos, já se questionavam sobre a origem do amor, escritores já teciam obras que falavam deste sentimento e textos líricos eram declamados para exaltar as sensações oriundas dos amantes como o mito de *Eros e Psiquê*.⁷

De acordo com pesquisas feitas em “ *O livro de ouro da Mitologia*” do autor Thomas Bulfinch (2002) o mito de Eros(amor) e Psiquê(alma) corresponde através da alegoria, a necessidade dos seres humanos em entender os sentimentos amorosos, esse mito aparece pela primeira vez na obra de *Apuleio* escritor do século II que tornou-se inspiração para outras histórias de amor, Ainda de acordo com Bulfinch (2002):

A lenda de Cupido e Psique é, geralmente, considerada alegórica. Psique em grego significa tanto borboleta como alma. Não há alegoria mais notável e bela da imortalidade da alma como a borboleta, que, depois de estender as asas, do túmulo em que se achava, depois de uma vida mesquinha e rastejante como lagarta, flutua na brisa do dia e torna-se um O casamento de Cupido e Psique dos mais belos e delicados aspectos da primavera. Psique é, portanto, a alma humana, purificada pelos sofrimentos e infortúnios, e preparada, assim, para gozar a pura e verdadeira felicidade. (BULFINCH 2006, p.104)

Desta maneira, o mito de Eros e Psique corresponde a uma das primeiras histórias de caráter alegórico para explicar o amor e suas facetas, mostrando a inquietude do homem ocidental para explicar os próprios sentimentos, sobre as sensações oriundas dos afetos românticos que produz nos seres humanos a capacidade de emancipação e felicidade que é gerada através do amor.

A partir do século XII, conhecido como período da baixa Idade Média, a literatura fez jus a um novo tipo de discurso na produção literária. A idéia do amor inatingível que muitas das vezes resultava na morte dos enamorados, tornou-se uma promessa de atingir a plenitude. Aqueles que eram flechados por *Eros* poderiam viver os prazeres ou os infortúnios provenientes das sensações amorosas.

A fórmula dos felizes para sempre, estava relacionada aos grandes tormentos que os personagens sofriam ao longo dos textos ficcionais, isto é, as ações de caráter heróico ou das desilusões produziam um panorama de deleite para os leitores. Entretanto, esse fascínio para o

⁷Bulfinch, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** : *histórias de deuses e heróis*. Tradução. David Jardim. Rio de Janeiro:Harper Collins, 2002.

amor resultava em devaneios despertando uma forma quase que idealizada ou impossível de ser alcançado, o que dá origem a uma ideia específica: o mito do amor.

O autor Dennis Rougemont(1988) em seu livro “*História do amor no ocidente*” afirma, em relação à história de *Tristão e Isolda*⁸, como dar-se-ia a ideia do mito do amor e como são os amantes sobre o efeito dessas emoções. A luz do que postula Rougemont (1998)

Encontram-se, portanto, numa situação apaixonadamente contraditória: amam, mas não se amam; pecaram, mas não podem arrepender-se, pois não são responsáveis; confessam-se, mas não desejam curar-se, nem mesmo implorar o perdão... Em verdade, como todos os grandes amantes, eles se sentem arrebatados "para além do bem e do mal", numa espécie de transcendência das nossas condições comuns, num absoluto inefável, incompatível com as leis que governam o mundo, mas que eles sentem como mais real do que este mundo.(ROUGEMONT,1988, p. 35)

Sendo assim, o mito do amor, não está relacionado ao fato de negação ao sentimento, mas à ideia que corresponde ao amor, por muito inatingível, está relacionado à forma como o homem ocidental caracteriza-o, e, portanto indo além de todas as concepções tangíveis do amor sublime, que vai além, por muito, das sensações paradoxais das paixões. Ou seja, há uma linha tênue entre o amor- em seu grau sublime- e a paixão fruto das inconstâncias. O que veremos a seguir.

Nessa perspectiva, entendemos de uma forma não literal que o mito do amor corresponde à parte do inconsciente humano, que por hora é metaforizado através de histórias e seus personagens a fim de personificar através da arte da palavra e suas construções simbólicas, amígdalas das produções literárias que os retratam, os desejos e anseios humanos que estão relacionados às pulsões⁹.

Essa discussão sobre o amor foi retomado por Lacan em 1998 em um dos seus seminários sobre um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, a Transferência. O autor discorre nesta ocasião, a decorrência em um deslocamento de afeto que para o mesmo, pode ser positiva levando o sujeito a produzir sentimentos ternos ou hostis, de acordo com o

⁸ Corresponde a uma das histórias de origem celta que discorre sobre o amor trágico entre uma princesa Irlandesa e um cavaleiro da Cornualha.

⁹ Segundo o dicionário de psicanálise para Freud na teoria analítica, a palavra pulsão é a energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade. CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.,p,117

inconsciente¹⁰Nesta ocasião, a autor traz à luz uma análise sobre Banquete, do filósofo grego Platão.

Este pensamento viabiliza um questionamento acerca das possibilidades de entender sobre o amor. Para Lacan (1998, p.56) “o amor é concebido a partir da noção de falta. Aquilo que está em jogo no amor é uma falta que poderá ser suprida no encontro com o sujeito eleito e amado”. O que poderemos explorar na sessão seguinte.

4.1 Os territórios das pulsões: a paixão e amor

A paixão está relacionada a tendências que exigem uma necessidade de mobilidade, conforme o pensamento de Lebrun (2009), em seu ensaio sobre o conceito de paixão publicado em uma coletânea chamada *Novos ensaios* discorre sobre as ideias de que o homem não tem propriamente domínio sobre suas paixões, mas sim pelo modo que elas se submetem as suas ações, ou seja, é o modo pelo qual o homem reage as suas paixões que determinará sua ética e virtudes.

Neste sentido, as características permitem entendermos que não é somente o pensamento a força motriz para as ações ou um tratado da razão, mas sim os pensamentos que são geridos a partir de um propósito que almeja um determinado fim, pois, segundo Lebrun (2009, p.15), “a faculdade que move a alma é a pulsão, sendo assim apesar das buscas por condutas éticas o homem não estará totalmente livre das paixões”.

Notamos que a paixão corresponde a uma área dos afetos arraigada a tendências que se desenvolvem através das pulsões. Segundo Kehl (2009, p.541) “A matéria-prima dessas pulsões se dividem em duas vertentes, a primeira Eros¹¹ (pulsões de vida) e Thanatos¹² (pulsões de morte)” Deste modo, essa ambivalência dar-se-á devido nossos aspectos

¹⁰O inconsciente, s.m. (alem.: [das] *Unbeivufte*; fr.: *inconscient*; ing.: *unconscious*). Conteúdo ausente, em um dado momento, da consciência, que estão no centro da teoria psicanalítica. De acordo com a primeira tópica do aparelho psíquico, S. Freud chama de inconsciente a instância constituída de elementos recalçados, que se recusam a chegar à instância pré-consciente. Tais elementos são representantes pulsionais que obedecem aos mecanismos do processo primário. CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre: . Artes Médicas Sul, 1995, p.106.

¹¹ Segundo o dicionário de psicanálise esse termo é evocado por Freud, para explicar o conjunto de pulsões sexuais e instintivas que desenvolvem os seres humanos a partir do amor. Outro ponto que vale salientar é que *Eros* também é conhecido como deus grego do amor, que produz o mito de Eros e Psique. CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco FrankeSettineri.. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995, p. 57.

¹² Pelas idéias Freudianas esse tipo de pulsão corresponde à oposição de *Eros* que resultam numa excitação orgânica que deseja a não-existência, um repouso para morte. Também fazendo alusão ao um personagem da mitologia grega, Tânos. OLIVEIRA, Luana Garcia de. Eros e Thanatos: A pulsão de vida no conceito Freudiano e o Homo Consumericus. Revista Labirinto, Amazônia, v.1. n.14. Dezembro.2010.

instintivos, nossas frustrações, daquilo que permeia em nós e que faz falta, o desejo de pertencimento ou de nos tornarmos completos e que majoritariamente é deferido e efêmero.

Segundo Laplanche & Pontalis (1992, p.394) afirmam que “A pulsão é o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo”. Ou seja, a pulsão é o que permite a ação, é uma força motriz que nos impulsiona para a vida. Dar-se início, logo durante a vida uterina, em que as manifestações de pulsões são de acordo com o pensamento freudiano, as de defesa e sobrevivência indivíduo. As pulsões permitem que o sujeito busque a satisfação dos desejos como uma força motriz para produção de sentimentos.

É a partir do agir e padecer de uma tendência, que pode ser modificada pelo prazer ou desprazer que a paixão toma seu sentido dentro do campo mental e que se atribui as pulsões de mover-se para o novo, em que há passividade ou violência, o erotismo e a castração. De acordo com o dicionário Mini *Aurélio, século XXI escolar* (2001, p.509) o significado de Paixão n.f.1. “Sentimento profundo ou emoção ligados a um alto grau de intensidade”.

Consequentemente podemos afirmar que essas pulsões ocorrem devido ao fato de que a paixão está intimamente ligada - em seu sentido etimológico- de passividade (*pascbrin, pathos*) Lebrun (2009, p 12). Sendo assim, o padecimento concomitante deriva a relação da matéria, isto é, dessa indeterminação que permite ser movido em detrimento da figura do Outro e que, por seguinte, da passividade perante outrem. De acordo com Lebrun (2009):

É por conter matéria, isto é, indeterminação, que um ser se move. O fato de ter que mudar (de lugar ou de quantidade ou de qualidade) para receber uma nova determinação mostra que ela não possui todas as qualidades de uma só vez, e que a aparição dessas depende da intervenção de um agente exterior. Ora, este último aspecto é fundamental para a determinação do *pathos*. A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro. (LEBRUN, 2009, p.13)

Enxergamos que a paixão se dar pela movimentação em busca de completude que é projetada, muitas vezes pelo caráter das pulsões, na figura do outro. Desta maneira, o desejo toma forma, e este jamais pode ser plenamente satisfeito. Posto isto, é necessário ressaltar sobre o significado e o significante para a construção do indivíduo. Segundo o dicionário de psicanálise¹³ o significante é o determina o sujeito no nível do inconsciente. Se utilizarmos

¹³. CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

dessa analogia podemos entender que o significado- é o próprio sujeito- enquanto que o significante é o que influencia ou determina o sujeito.

Sendo assim, o que permeia o inconsciente vai influenciar o sujeito e, portanto, suas pulsões. Quando há o sentimento de perda, de não recuperar o estágio inicial- seja da vida uterina e o reconforto do útero da mãe- seja até mesmo da fase inicial de um relacionamento onde as expectativas estão em alta- o indivíduo percebe a sua solidão perante o mundo, pois ninguém irá suprir às suas necessidades de pertencimento.

Nessa perspectiva de impossibilidade de mantermos a sensação pertencimento é chamado segundo Freud de castração¹⁴. Não necessariamente, quer dizer a perda de um membro do corpo (se estivermos voltados à etimologia da palavra *castração*), mas uma analogia da ruptura do indivíduo para com sua mãe, por exemplo, do desejo de repouso da vida ligada à outra vida que jamais será restabelecido por completo e que expõe o sujeito a incompletude, de ser sozinho no mundo.

Se observarmos a palavra castração a partir do campo simbólico à luz do que postula CHEMAMA(1995, p. 31) “a partir da ótica de podemos designá-la como perda, a incapacidade de restaurar nossas características narcisistas”, isto é, uma perda que ocorre perante uma desilusão e que acabam acarretando novas formas de pulsões que podem produzir ressentimento, raiva, ódio, desejos de vingança e afins.

Tais condições se refazem na vida adulta como forma de paixão amorosa, sendo esta uma busca falha em reconstruir as esperanças de encontrarmos na figura do outro o ser amado e assim, refletir no objeto (outro) as buscas utópicas de perfeição. É, a partir desse contexto, que os desejos e pulsões tornam-se uma busca por alguém igual e, portanto, capaz de aplacar as condições de solidão que aflora em todos os seres humanos. Nesse tipo de paixão o foco é “busca pela metade de si”.

Porém, essa conjectura não pode ser mantida estável, pois, quando há a desilusão em que o outro não pode ser igual, quando o sujeito percebe que o objeto - (outro) não pode possibilitar tudo ao significado(ele) - isso implica na realidade novamente os sentimentos de falta, de perda e desta maneira as desilusões da paixão amorosa ocorrem sendo assim, mais uma vez o indivíduo torna-se “castrado”. Tal decepção resulta ou na emancipação para o amor - sendo está uma pulsão para a vida - ou na desconformidade de não aceitar a incompletude - fazendo o indivíduo escolher uma pulsão de morte - tal como o amor que mata e que destrói.

¹⁴Segundo o dicionário de psicanálise para Freud é um conjunto de conseqüências subjetivas do inconsciente em decorrência da falta de pênis em mulheres e uma amputação para os homens. Já para Lacan um conjunto dessas mesmas conseqüências, porém que resulta na submissão do sujeito ao significante.CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre:Artes Médicas Sul,1995. p,31.

Seguindo essa linha de raciocínio em *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009), observando a personagem Abigail Williams, podemos evidenciar esse aspecto de paixão amorosa em virtude dos acontecimentos do enredo, pois uma vez que suas investidas apaixonadas em relação a, John Proctor, são rechaçadas, ela busca em Tituba escrava do seu tio o reverendo, um feitiço para matar sua rival, Elisabeth Proctor, esposa de John.

Como podemos observar no Ato – I da peça, Abigail conversa com Betty filha do reverendo da comunidade, após revelar ao seu pai o que aconteceu na noite anterior em que ele encontrou um grupo de garotas dançando na floresta em companhia de Tituba:

ABIGAIL (*puxa-a da janela*) Conteí tudo a ele. Ele sabe agora, sabe de tudo que nós...

BETTY Você bebeu sangue, Abby! Isso você não contou!

ABIGAIL Betty, você nunca mais diga isso! Eu não vou nunca mais...

BETTY Você bebeu, bebeu! Você bebeu um feitiço para matar a mulher do John Proctor! Você bebeu um feitiço para matar a irmã Proctor!

ABIGAIL (*dá-lhe uma bofetada*) Cale a boca! Agora cale a boca!”

ABIGAIL. Agora escute aqui. Vocês duas. Nós dançamos. E Tituba conjurou as irmãs mortas de Ruth Putnam. E só isso. Escutem bem uma coisa. Se qualquer uma de vocês falar uma só palavra, um começo de palavra das outras coisas, eu vou atrás de vocês no escuro de uma noite horrível e a gente acerta as contas direitinho até vocês tremerem. E vocês sabem do que eu sou capaz. (MILLER, 2009, p. 285)

Tal conjectura revela que tomada por uma pulsão de raiva e pela decepção fruto de uma paixão amorosa Abigail busca por artifícios para conseguir matar a esposa de John. O que move as ações da personagem está relacionado às pulsões antes mencionadas nesse capítulo, visto que há uma inquietação protuberante do fato de que os afetos de Abigail produzidos pela castração, ou seja, a perda do outro produzem um estágio em que a mesma move-se para aquilo que torna ser seu ideal: ocupar o lugar de esposa.

A personagem não produz afetos alegres ou após a decepção não se move impulsionada pelo amor, mas sim pela decepção de não ser correspondida, por não entender a incompletude da paixão amorosa e, assim a morte de alguém pode torna-se um prazer, para reafirmar suas fantasias e desejos. Para Abigail, não importa os meios, apenas a necessidade voraz de conseguir o seu objetivo somado a isto as bases não sólidas da comunidade temos o panorama para que as acusações de bruxaria comessem em Salém.

Nessa perspectiva, compreendermos que os sentimentos que afloram em Abigail estão mais relacionados à paixão amorosa, do que os ares contínuos e até altruísta do amor. Vale ressaltar que o amor, segundo o mini dicionário Aurélio (2001, p. 39): “**amor(ô)** sm.1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um se a outro, ou a uma coisa.”

Apesar de que o ponto inicial para o amor ser os sentimentos relacionados à paixão, o amor ultrapassa as barreiras das paixões amorosas ou as pulsões de cunho sexual, estão mais correlacionadas a uma pulsão de vida, ou seja, (*Eros*), pois muitas das vezes o sentimento corresponde ao cuidado e o zelo para com o outro. É uma renúncia da paixão amorosa e dos aspectos narcisistas dos quais não correspondem à amplitude do amor sublime, sendo assim o narcisismo é o oposto da sublimação¹⁵. Seguindo essa linha de raciocínio Kehl (2009) afirma que:

O amor sublime é a possibilidade da troca (também) no plano simbólico. A possibilidade da poesia no encontro amoroso- não há poesia produzida pela frustração da paixão, mas a poesia *da* paixão. A transformação dos desejos que não podem se concretizar na paixão amorosa no desejo de uma outra coisa que a poesia (no sentido lato, não apenas no sentido de produção de poemas) pode realizar. Para Péret o amor sublime seria a contrapartida do amor romântico, da paixão grandiosa, mas impossível, do amor que não leva limites sem possibilidades concretas e por isso leva a morte- na melhor das hipóteses a morte do outro *em mim*. (KEHL, 2009, p. 555).

Desta maneira, o amor está relacionado aos aspectos que vão além das pulsões sexuais ou inatingíveis das paixões amorosas, é uma troca simbólica que unem duas pessoas, que se entrelaçam e que somam, sendo assim, o amor perde os ares das ideias correspondentes ao *amor cortês*¹⁶ tão expressados pelas histórias de cavalaria, ou dos muitos poemas produzidos ao longo dos séculos que remetem ao sacrifício e a servidão.

De acordo com o que postula Paz (1994, p. 70) “O termo “amor- cortês” reflete a diferença medieval entre *corte e Villa*. Não o *amor villano- copulação e procriação-* mas sim um sentimento elevado, próprio das cortes senhoriais. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução” Sendo desta maneira, um amor que ultrapassa as linhas do amor sublime, tornando-se intangível, mas do que o amor proveniente da corte, é uma estética, sobretudo, que permite-nos entender os ideais de amor das sociedades anteriores.

Enquanto que o amor sublime é, portanto, a junção de diversos fatores já mencionados, em que a paixão torna-se apenas um ponto de partida, para que o amor sublime se desenvolva, ou seja, o desejo de escolha, que abdica das ideias narcisistas e que

¹⁵ De acordo com o dicionário de psicanálise, para Freud é um processo psíquico do inconsciente capaz de substituir um objeto sexual por outro objeto não-sexual sem perder a forma notável de intensidade. CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Francisco FrankeSettineri.. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 1995,p. 206.

¹⁶ Corresponde a um movimento que surgiu no século XII em que a idéia sobre amor resultava numa exaltação quase inatingível da figura amada, em que o “jogo-amoroso” era uma forma de atingir essa plenitude, o que inspirou a literatura medieval a produzir suas obras com estas características.

compreende as lacunas na figura do outro, sendo assim, o que resulta em liberdade de amar. A seguir veremos como a paixão e a bruxaria estão correlacionadas.

5. ENTRE PAIXÕES E BRUXARIA: UM RETRATO DE SALÉM

Antes de traçarmos nossas conjecturas acerca dos fatores que resultaram nas acusações e mortes em *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009) precisamos gerir o curso em detrimento de entendermos as concepções entre a ideia inicial de amor, partindo do pressuposto da religião e da literatura. Estes enfoques se fazem necessários para designarmos o que aconteceu em Salém de forma que, possamos compreender qual é o papel da bruxaria e como a figura da bruxa tornou-se um bode expiatório dessa sociedade.

Essa concepção complexa envereda a cultura e as suas modificações, em que o medo sempre esteve presente. Não foi coincidência que no começo da idade moderna o anti-judaísmo e a prática da caça às bruxas estivessem ocorrendo, assim como os Valdenses¹⁷ séculos antes, a figura do judeu e da mulher (em ênfase), estavam relacionados a Satã, essa ideia não obstante, estavam presentes nas divagações dos homens que constituíam as igrejas, assim como também em leigos.

Esse panorama contrapõe um diagnóstico diferente em que as artes, a vida cortês e, principalmente, a literatura que exaltava as figuras femininas. O trovadorismo, que enaltecia a figura das mulheres, o amor de vassalagem, as regras constituintes das cortes Européias, os conceitos de virgindade e castidade, o resgate dos contos pagãos, fez com que os religiosos percebessem cultos excedentes a Maria, que sem perceberem estavam relacionados ao culto a Deusa.

Esse elo entre a literatura e à religião no medievo, contribuíram para dois resgates, a Deusa como símbolo de pureza, de castidade e fertilidade em sua face mãe e jovem, em que - Maria é a personificação-, assim como também, a face escura da deusa, a mãe-terrível que anos depois estaríamos vendo na literatura, como a bruxa com sua verruga no nariz, que come crianças, anciã e agente do mal. Entretanto, estes aspectos não se refletiam somente na literatura, pois durante quatro séculos, incluindo o início da idade moderna podemos destacar o medo dessa liberdade feminina.

¹⁷Pertencentes a um movimento que surgiu no século XII com os pobres de Lyon e a pregação de Pedro Valdo que foi considerado pela igreja como precursores da heresia. SALLMAN, Jean-Michel. **As bruxas: noivas de Satã**. Tradução: Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

As mulheres que estavam ligadas a este último arquétipo¹⁸, -que sua precursora seria Eva- foram perseguidas, executadas das formas mais hediondas em virtude de estarem ligadas a parte mais selvagem, mais sexual, mais pecadora e, sobretudo, mais livre, que por muitos anos as religiões patriarcais demonizaram e oprimiram, pelo medo daquilo que se desconhecem, é nesta linha tênue entre a deusa mãe e a mãe- terrível que à bruxa se encontra, pois esta refresca a memória dos homens e remete a liberdade feminina, a liberdade de culto que o patriarcado tentou de todas as formas suprimir.

Antes do século XII e XIII, os movimentos religiosos, movidos pelo poder patriarcal das religiões judaico-cristãs contribuíram para o apagamento ou a demonização das figuras femininas, que por serem descendentes de Eva estavam intimamente ligadas ao instinto e ao pecado o que inspirou a escrita do *Malleus maleficarum*¹⁹.

Posto isso, a figura da deusa foi apagada, pois a mulher tornou-se a pecadora, que com seus instintos fora a responsável pelas desgraças acometidas a humanidade, devido a sua luxúria, seus desejos pelo bem e o mal, então como poderia a mancha dessa mulher (da deusa) está relacionada ao Deus onipotente e santo? Como manter o princípio feminino se este está deturpado? De acordo Barros (2001) :

Excluindo a mãe do panteão divino, erguiam uma Igreja masculina, em que somente os homens exerciam as funções de padres e bispos, investidos pelos apóstolos que receberam de cristo o direito de divulgar a Boa notícia. Nada mais correto que o princípio feminino perdesse cetro e coroa, afinal, eles já haviam conseguido que ela se torna-se a pecadora. A culpada, a responsável por sua própria desgraça já havia condenado sua sexualidade, sua luxúria como uma coisa suja. (BARROS, 2001, p. 333).

Sendo assim, o arquétipo da pecadora e da prostituta de Satã, voltou-se para as mulheres livres, selvagens, que produziam conhecimento, que despertavam desejos, que de algum modo fugiam da figura aceitável de Maria, que apesar de ser elevada, era submissa, casta, a mãe-virgem de Deus. Em que a condição feminina desta, permanece à margem do homem, desta maneira as mulheres que se voltam para seu aspecto livre, que exerce poder de alguma maneira torna-se A bruxa.

A igreja passou a perseguir estas mulheres, assim como o culto a Deusa das religiões pagãs, deste modo, segundo Barros (2001, p. 334) “Como formar de assegurar a sobrevivência da religião do pai e do filho, e a maneira de conseguir tal feito não era somente

¹⁸São padrões e imagens arcaicas universais que derivam do inconsciente coletivo e são a contraparte psíquica do instinto.

¹⁹ O martelo das feiticeiras foi um livro de manual da inquisição de caráter misógino que explicava como identificar uma bruxa.

associar a mulher a tentação e ao pecado, mas também aliá-la a figura do diabo.” Portanto, a caça aos hereges, aos judeus e, sobretudo as mulheres fora uma tentativa nefasta de a igreja permanecer no poder, afinal o que estes propunham poderiam reavivar o inconsciente coletivo do culto a Deusa-mãe.

Devido à imagem da deusa não ter sido apagada os espantes da igreja travaram uma excedente batalha, pois não conseguiram aplacar a figura da mãe o que restava era em primeiro, demonizar a mulher, seu corpo e sua sexualidade e resgatar o culto a Maria, mas com a necessidade de fazê-la a partir do aspecto virginal inalcançável, fazendo perder a dualidade da Deusa, e perdendo assim a divindade que poderia lhe ser atribuída.

Seguindo esta linha de pensamento, as deusas foram cristianizadas, mas jamais esquecidas pelo o inconsciente coletivo. As fadas, as curandeiras produziram na coletividade as movimentações simbólicas do imaginário que compactuam a figura da Deusa, a literatura medieval e celta, por exemplo, teve seu papel nessa conjectura o que fora decisivo para que isto não se perdesse.

Exemplos disto são as parteiras que ajudam a vinda das crianças a este mundo, outras tinham conhecimentos de ervas, curavam e tinham poder, mas até onde para uma sociedade patriarcal essas mulheres- sejam elas da literatura ou da vida real- podiam apresentar medo e o resgate a Deusa? Até onde estas poderiam ser confiáveis? A igreja percebeu que essas lendas celtas, e a imagem da mulher cheia de poderes poderiam erradicar a religião do pai e do filho e, portanto deveria ser combatida.

A ideia de amor resgatada pela literatura e os modos da corte, tornou-se a mulher a dominante em que os cavaleiros faziam de tudo para alcançar o intangível. De acordo com o que postula Barros (2001):

Influenciados pelas armadilhas que só a fêmeas são capazes de armar, os poetas inventaram um amor também às avessas e por livre e espontânea vontade se colocaram a serviço da dama, obedecendo a seus caprichos, aceitando imposições, permitindo que julgassem seus atos e sua bravura. E tão enfeitados ficavam, que ousavam afirmar que o amor carnal era tão louvável quanto o divino, e a mulher a única capaz de dar o Bem. (BARROS, 2001, p. 340 -341)

Desta maneira, se tornaram blasfêmias perante a igreja, o diabo como agente da mulher, pois foi graças a Eva que a humanidade inundou-se de pecado, declarou uma guerra santa as mulheres, em que de um lado estava Deus e sua moralidade e do outro a mulher como agente do mal, e sendo assim o medo apoderou-se dos homens, desta forma acarretando anos depois a caça às bruxas que se estendeu até a nova Inglaterra. A seguir veremos como as

relações de poder ocorrem em Salém e, sobretudo, como as mulheres podem ser vítimas em uma sociedade puritana.

5.1 Poder e perseguição em as bruxas de Salém

Do que tange aos termos narrativos *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos*” (2009), do dramaturgo norte-americano Arthur Miller, consiste em uma narrativa dramática fazendo jus a um dos mais terríveis eventos históricos ocorridos no final do século dezessete na nova Inglaterra, que ficou conhecido com a caça às bruxas de Salém. É evidente que o autor esteve baseado neste evento histórico e que a base para construção dos seus personagens resulta de pessoas que realmente existiram.

Ambientada em uma atmosfera rural em Massachussets, a peça é dividida em quatro atos, em que vemos narrados as acusações de bruxaria e os julgamentos. A ação dramática ocorre quando o reverendo Parris, encontra um grupo de garotas dançando ao redor de uma fogueira, na companhia de sua escrava proveniente de Barbados, Tituba. Após o ocorrido sua filha, acaba não acordando o que levam todos a acreditarem que seria um caso de bruxaria. Então o grupo de garotas, liderados por Abigail Willians, começam a acusar as pessoas do povoado. Conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1: O ritual na floresta - cena 1



Fonte: <retirado do Google imagens²⁰>

Na figura 1, vemos o grupo de garotas dançando em volta da fogueira, apesar do fato que nosso *corpus* não seja essa tradução para a tela, acreditamos que tal representação é necessária para conduzirmos de forma mais assertiva esta pesquisa. A sociedade de Salém era

²⁰Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=as+bruxas+de+sal%C3%A9m&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUK EwiKtbSIx5ntAhW1CrkGHfOkCg8Q_AUoAXoECAwQAw&biw=1242&bih=597#imgrc=700hNnw98c1CiM
Acesso: as 20:37.

puritana, portanto, conduzida pela igreja e, conseqüentemente, por homens. A dança assim como outras atividades era proibida. Desta maneira, ao encontrar jovens dançando em companhia de uma escrava que entoava cânticos, e uma das jovens está nua, fora um dos fatores pelos quais causou tamanho espanto, uma mulher livre e com certa conotação sexual, era para época o exemplo de que o diabo estava em Salém. Para Lins (2017 p, 277) “Na época em que o mundo estava inspirando ares da Idade das luzes, processa-se a mais delirante perseguição às mulheres”.

Neste contexto chegou à sociedade puritana em que destacamos as figuras masculinas de poder: Samuel Parris, reverendo John Hale e o juiz Hathorne. Esses personagens representam as figuras exemplares, que possuíam postos almejados e grande influência na comunidade de Salém. As relações e/ou a ameaça da perda de poder e controle sobre a vida, assim como, a histeria foram alguns dos fatores que resultaram na acusação de centenas e morte de dezenove pessoas.

Sendo assim, os estudos culturais através das teorias de Foucault (2004²¹) que postula sobre o discurso, o conhecimento é uma funcionalidade para exercer o poder, tendo em vista que no social, as instituições utilizam-se do conhecimento para controle das massas, ou seja, o povo. Vale ressaltar que para o autor, a confissão e o dizer a verdade²²por exemplo, são formas de exercer poder, majoritariamente neste caso as figuras masculinas, e portanto a igreja que estes representavam.

Arthur Miller desenvolve através do seu texto esses focos narrativos em que os reverendos e juízes decidem o destino de pessoas que por muita das vezes, estão envolvidas não com bruxaria, mas sim tendo um forte poder aquisitivo, é a ameaça das estruturas das relações de poder que acaba determinando o destino dessas pessoas, não obstante utilizando-se da fé e na busca pela moral que estes tentavam conservar.

O reverendo Samuel Parris abre as ações do Ato I, este está sentado ao lado de sua filha Betty Parris que não acorda. Horas antes na floresta ele encontra sua filha e outras garotas da cidade dançando na companhia de Tituba e sua sobrinha Abigail Willian, como

²¹FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyla, 2004.

²²A verdade segundo a ótica Foucaultiana Trata-se,conseqüentemente, de reconstituir uma verdade produzida pela história e isenta de relações com o poder, identificando ao mesmo tempo as coerções múltiplas e os jogos, na medida em que cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, isto é, "os tipos de discurso que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como uns e outros são sancionados; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro” .FOUCAULT, Michel. **Conceitos essenciais**. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005. p. 86.

mostrou na figura 1. É necessário destacarmos a presença da personagem Tituba, pois os habitantes de Salém viam nela a personificação do mal, seus ritos africanos eram vistos como magia negra e portanto, as forças sobrenaturais poderiam estar ligadas ao Diabo que esta poderia conjurar, não foi coincidência que ela fora a primeira a ser acusada de bruxaria.

Desta forma, enquanto que na comunidade o medo pela existência de bruxas e a “mão do diabo” estivesse sobre Salém o reverendo Parris encontra-se preocupado em manter sua posição intacta, afinal ter parentes ligados aos atos de bruxaria fariam com que este, perdesse sua posição, a fala do personagem a seguir pode exemplificar pelo texto de Miller (2009):

PARRIS, *estuda-a, então acena com a cabeça, meio convencido*: Abigail, eu lutei aqui três longos anos para dobrar essas pessoas de nariz empinado para mim, e agora, bem agora quando o respeito por mim está aumentando na paróquia, você compromete meu caráter. Eu te dei um lar, filha, e roupas para vestir... Agora me dê uma resposta correta. Seu nome na cidade – está absolutamente limpo, não está? (MILLER, 2009, p. 278)

Tal situação revela que a maior preocupação do tio não estava no ato das garotas, mas sim no fato de perder seu posto e seu dinheiro. Com dificuldade em controlar as massas e o medo de que aqueles casos aplacassem sua autoridade, ele convoca o reverendo Hale, que viria de outras províncias e que poderia solucionar o caso, pois detinha conhecimentos para extrair a verdade.

As jovens garotas por não quererem ser acusadas de bruxaria acabam se voltando para Tituba, afinal era mais fácil alguém, a margem daquela sociedade ser acusada e não revelar as intenções do rito na floresta e que já possuíam uma imagem ruim dentro da comunidade puritana do que acusar inicialmente uma senhora ou fazendeiro. O ódio a esta personagem, as torturas psicológicas que está sofreu reflete as questões como podemos destacar a seguir do texto dramático:

PARRIS: Você vai se confessar ou eu vou te levar para fora e chicoteá-lo até a sua morte, Tituba!

PUTNAM: Esta mulher deve ser enforcada! Ela deve ser levada e enforcada!

TITUBA, *aterrorizada, cai de joelhos*: Não, não, não enforque Tituba! Eu digo a ele que não desejo trabalhar para ele, reverendo.

[...]

TITUBA: *(assustada pelo possível processo)* Reverendo eu acho mesmo que tem alguém enfeitiçando essas crianças.

HALE: *Quem?*

TITUBA: *Eu não sei senhor, mas o Diabo tem muitas bruxas*

TITUBA: *E eu digo para ele “você mente,Diabo, você mente!” e numa noite de tempestade ele olha para mim e fala: “Olhe! Eu tenho gente branca minha”. E eu olho e lá está a irmã good.*(MILLER, 2009, p. 304; 307-308)

A fim de elucidarmos com maior veemência a ação dramática e o contexto pelo qual Tituba é acusada de bruxaria, exemplificaremos através da figura de número 2. Desta maneira observaremos a seguir:

Figura 2: Tituba é acusada - cena 3



Fonte: <retirado do Google imagens²³>

Na Figura 2, ao observarmos a leitura do ato I, na citação supranarradas, o semblante assustado da personagem em questão, mostra-nos as relações de poder, destacando a figura de uma mulher negra a primeira acusada de bruxaria em Salém reflete o preconceito da sociedade Puritana sobre a cultura, cor e ritos africanos que Tituba professava e, sobretudo representava, visto que ela correspondia à personificação da margem social daquela sociedade.

De acordo com Books (2013) ²⁴pesquisadores não sabem ao certo como era a aparência de Tituba, pesar de não termos evidências concretas sobre a aparência física Tituba é descrita como “miscigenada” pelos historiadores. O fato de sua condição social de servidão, de ser negra e ter costumes oriundos das práticas ritualísticas de África, foram visto como bruxaria, algo combatido pela sociedade puritana.

Um dos textos que tratam sobre essa personagem de forma ficcional baseando-se em fatos é a obra literária “Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salém”, de Maryse Condé. Como podemos destacar nessa passagem: “*Você, fazer o bem? Você é negra, Tituba! Só pode fazer o mal. Você é o Mal!*” Condé (2019,p.104) desta maneira a perseguição e o abuso de poder

²³Disponível em:

<[²⁴ BROOKS, R. B. **Tituba: The Slave of Salem**. 2013. Disponível em:<<https://historyofmassachusetts.org/tituba-the-slave-of-salem/>> Acesso em 31 de out. 2020.](https://www.google.com/search?q=tituba+%C3%A9+agredida+em+as+bruxas+de+saalem&tbm=isch&ved=2ahUKEwjwyci0zZntAhXHALkGHcbNDXQQ2-cCegQIABAA&oeq=tituba+%C3%A9+agredida+em+as+bruxas+de+saalem&gs_lcp=CgNpbWcQA1CeX1i2fmCNf2gAcAB4AIABggOIAc4ikgEGMi0xMC41mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&sclient=img&ei=3Si8X7DnL8eB5OUPxpu3oAc&bih=597&biw=1242#imgrc=teaS0DhorniwJM.>Acesso: 30 de out 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

perante essa personagem negra o que nos faz refletir como ainda ocorrem na contemporaneidade esse medo ao diferente, as religiões de matriz africanas no Brasil, por exemplo, as depredações de terreiros evocam essa herança histórica de ecos de um passado nefasto.

As primeiras mulheres a serem indiciadas como bruxa foi: Sarah Good, Sarah Osbourne e Tituba, durante o linear contexto dramático que essas personagens foram as que tiveram o preconceito marcados em seus julgamentos, porque todas estas representavam aquilo que a sociedade deseja suprimir, mulheres que viviam a margem, uma despertando repulsa por mendigar, por não praticar uma religião o estereótipo perfeito, Obsbourne era considerada feia e Tituba uma serviçal negra, todas permeiam o mesmo véu social: o preconceito racial, a misoginia e o preconceito de classe.

Seguindo essa linha de raciocínio o ódio ao feminino professado desde Santo Agostinho²⁵ em seu texto teológico que dizia “por causa de uma mulher, fomos enviados a destruição” até o século XV em que o manual “ *O martelo das feiticeiras*”²⁶ fora escrito por aprovação de Inocêncio VIII²⁷ notamos a aversão as mulheres como podemos destacar no seguinte trecho de Kramer & Sprenger (1995):

Em virtude de sua deficiência natural em inteligência, são mais propensas a abjurarem da fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados; também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios. Pelo que não surpreende que tantas bruxas sejam desse sexo. As mulheres possuem também memória fraca e nelas a indisciplina é um vício natural; limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 118)

Sendo assim, as mulheres eram vistas como inferiores, como as precursoras para o mal e, independentemente das concepções religiosas, os puritanos também mantinham os dilemas sobre as mulheres, relatos históricos afirmam que as atividades desse gênero eram subalternas aos homens e estas deviam obediência aos seus maridos. Desta forma, podemos afirmar que apesar dos ideais distintos da fé católica as figuras femininas da comunidade puritana mantinham o mesmo grau de inferioridade.

²⁵ Santo e teólogo da igreja católica que nasceu em 344 depois de Cristo, foi um importante esponente da igreja, porém seus discursos tinham características misóginas.

²⁶ Do original *malleus maleficarum* foi um manual e livro de cabeceira dos inquisidores, apesar de que os puritanos e a caça às bruxas de Salém fora um evento ocorrido anos após a escrita deste livro, o utilizamos para elucidar as estruturas sociais e a ideia sobre as mulheres durante esse período da história.

²⁷ Autoridade máxima da igreja nos anos 1484 fora o responsável por escrever a bula papal em que reafirmava o poder dos inquisidores durante o processo de caça às bruxas na Europa.

Seguindo esta linha de pensamento, aquelas que fugiam dos padrões, que não possuíam religião, ou não professavam com frequência sua fé e devoção à religião do pai e do filho poderiam ser acusadas de bruxaria o que ocorreu em maior escala em Salém, o texto dramático põe em evidencia essas estruturas. Tais alegações promovem os nossos questionamentos iniciais em que fica provado que a caça às bruxas fora um movimento de caça ao diferente e, sobretudo, a mulher.

Entretanto, não fora somente às mulheres que estavam à margem dessa sociedade e aquelas que tinham uma má reputação as acusadas, um exemplo Marta Coley, uma personagem descrita como um pilar da igreja, mas devido ao fato de seu marido revelar que está tinha o costume de ler, fora o suficiente para que fosse acusada de bruxaria. Em um dado momento da peça o diálogo entre três personagens John Proctor, Francis Nurse e Giles Core demonstra o nível da histeria coletiva em Salém e de como as pessoas que ousassem ir contra poderiam ser destruídas como podemos constatar a seguir no texto de Miller(2009):

FRANCIS: Minha mulher é pedra e cal da igreja, o Sr. Hale— *aponta Giles* - e Martha Corey, não pode haver uma mulher mais perto ainda de Deus do que Marta. [...]

PROTOR, furioso: como essa mulher pode matar crianças?

HALE (*em grande sofrimento*) Homem, lembre-se, até uma hora antes do Diabo cair, Deus o achou lindo no céu.

GILES: Eu nunca disse que minha esposa era uma bruxa, Reverendo Hale. Só disse que ela lia livros! ²⁸

HALE: Sr. Corey, exatamente que reclamações foram feitas à sua esposa?

GILES: Aquele maldito vira-lata Walcott a acusou. Ele comprou um porco da minha esposa há quatro ou cinco anos e o porco morreu logo depois. Então ele vem querendo o seu dinheiro de volta. Então, minha Martha, ela disse para ele: "Walcott, se você não tiver a sagacidade de alimentar um porco adequadamente, você não viverá para possuir muitos", disse ela. Agora ele vai ao tribunal e alega que a partir daquele dia ele não pode manter um porco vivo por mais de quatro semanas porque minha Martha os enfeitiçou com seus livros!(MILLER, 2009. p,325).

A partir desta perspectiva observamos que, apenas o fato de uma mulher ler perante a sociedade puritana e absorta pelos dogmas religiosos, mas, sobretudo, utilizando-se deste último para proclamar o ódio devido a rixas entre si, promove um julgamento da senhora Martha Giles, uma das poucas pessoas que não confessou praticar bruxaria. Desta forma, percebemos dentro da citação em destaque que apenas a menção de ler livros, levantava suspeitas.

Tais concepções derivam do fato de que por muitos séculos apenas homens tinham o direito a educação, por exemplo, até a década de 50 mulheres não possuíam as mesmas

²⁸Grifo nosso.

condições civis dos homens e boa parte das suas antecessoras, somente, as figuras femininas da realeza e de famílias abastadas poderiam aprender a ler e escrever. Posto isso, em virtude dessas estruturas sociais, as mulheres que eram vistas fora dessa conjectura, eram consideradas bruxas.

5.2 Abigail, John Proctor e Elizabeth: um retrato de amores destrutivos em a caça às bruxas de Salém

Em *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009) observamos dois enfoques narrativos, o primeiro são as acusações de bruxaria e a histeria coletiva, movidas por Abigail Williams e o grupo de jovens e em segundo, até então desconhecido nesta comunidade, o caso e a relação extra conjugal entre John Proctor e Abigail Williams que tornou-se importante para o desenvolvimento da trama. Apesar do envolvimento dos personagens John é um homem casado, e não deseja continuar com a relação enquanto que Abigail desejava-o para si.

Figura 03: Cena do filme *As bruxas de Salém* - Abigail e John conversam



Fonte: <retirado do Google imagens²⁹>

Na figura 03, percebemos que Abigail e John eram próximos e estavam a sós, algo não comum para as jovens da sociedade puritana. O anseio da personagem Abigail, é traduzido através do olhar da mesma e perduram a interpretação em que havia sentimentos entre estes personagens e uma intimidade típica dos amantes. Abigail foi criada na casa dos Proctor's, mas devido ao seu temperamento e por ter se relacionado com John Proctor, foi expulsa e posteriormente exposta pelas suas ações através da mulher do fazendeiro.

Assim, ao ser rechaçada pelo seu objetivo romântico, a personagem de Abigail Williams protagonizou a ação dramática da peça: o amor – a rejeição – de John Proctor. Desta maneira, a rejeição torna-se o eixo norteador para que a personagem acusasse seus inimigos

²⁹Disponível em <<https://www.film.ru/photo/frames/surovoe-ispytanie>> acesso: 12 de out 2020.

ou a própria Elisabeth Proctor com o intuito de substituí-la como esposa do fazendeiro. Logo, não somente, foi à busca pelo poder, a perseguição ao diferente e a briga por terras, como explanamos na sessão sobrescrita, que originalizou a caça as bruxas em Salém, mas também a paixão amorosa de Abigail Williams por John Proctor.

A personagem é descrita como uma jovem dissimulada e experta. Abigail lidera as meninas para o possível ritual na floresta, as reais intenções destas era que com isso encontrar meios de usurpar o lugar de Elisabeth Proctor. Quando ainda no ato I em que Betty não consegue acordar John visita a casa do reverendo ele conversa com Abigail para fazê-la entender que o caso entre os dois deveria acabar. A seguir podemos constatar a relação de John e Abigail através de um trecho de Miller(2009):

ABIGAIL: Diga uma coisa para mim , John. Uma coisa doce.((*O desejo concentrado dela destrói o sorriso dele*)
 PROCTOR Não, não Abby. Isso já acabou.
 ABIGAIL (*provocante*) Você viajou sete quilômetros para ver uma boba de uma menina voa? Eu conheço você muito bem.
 PROCTOR (*tira-a do seu caminho com firmeza*) Vim para ver que maldade seu tio está aprontando agora. (*com ênfase definitiva*) Tire isso da cabeça, Abby.
 ABIGAIL (*agarra a mão dele antes que ele solte*) John...eu quero você toda noite.
 PROCTOR Abby, nunca te dei nenhuma esperança de ficar comigo. [...]
 ABIGAIL Eu sei como você me agarra por trás atrás da sua casa e suava feito um garanhão sempre que eu chegava perto! Ou será que sonhei com isso? Foi ela que me expulsou, você não pode fingir que foi você. Eu vi a sua cara quando ela me mandou embora e você me amava naquela hora e me ama agora!
 PROCTOR Abby, que loucura você dizer isso... ABIGAIL Uma louca diz muita coisa louca. Mas não tão louca, eu acho. Eu fiquei com você quando ela me mandou embora. Fiquei com você de noite.[...]
 PROCTOR Abby, posso pensar em você com carinho de vez enquanto. Mas corto fora a minha mão antes de tocar você outra vez. Tire isso da cabeça. Nós nunca nos tocamos, Abby. ABIGAIL É, mas nos tocamos.
 ABIGAIL (*com raiva marga*) Ah, me admira um homem tão forte como você deixar uma mulher tão doente ser.. PROCTOR (*zangado, consigo mesmo inclusive*) Não fale nada de Elizabeth! (MILLER, 2009, p. 287-288).

A partir deste trecho da peça, fica notório o estado emocional de Abigail em que a mesma acredita amar John, embora esteja numa situação de dependência. Um dos processos oriundos das paixões resulta entre o padecer e o agir, nesse processo o apaixonado percebe a inconstância do ser amado, tais características possibilitam que aquele que acredita amar possa padecer de amor ou agir sobre a pressão da efemeridade.

De acordo com o que postula Lebrun (2009) é reagindo a uma ofensa que o sentimento de raiva aparece, sendo a paixão o resultado da provocação de algo que origina um impulso, e, portanto, a ação, nesta linearidade a reação do personagem John para com Abigail, permite-nos refletir que a partir dele como um agente condutor para as pulsões de uma paixão amorosa da personagem feminina, o reflexão da raiva, da castração e do ressentimento.

Esses sentimentos foram responsáveis por gerir a força motriz para que as situações conflituosas ocorressem em Salém, pois é graças aos afetos negativos de Abigail e o panorama de histeria social, que a personagem vê um meio de usurpar o lugar de Elisabeth, uma mulher que para a sociedade tinha modos impecáveis, porém se esta estivesse à luz da bruxaria poderia, assim como as demais menos abastadas, ser possivelmente condenada a forca.

Um dos impulsos mais significativos em relação à personagem de Abigail é seu desejo sexual por John Proctor, sendo assim outra forma de pulsão, para que esta tentasse retornar a este estágio inicial com o seu objeto amoroso. Elisabeth Proctor, torna-se portanto, também um empecilho para a concretização das pulsões eróticas, de Abigail, desta forma, na busca pelo contato com outro ser vivo, no anseio por manter seu estágio de prazer e que lhe é negado- ora pelo próprio John, ora pela existência de sua rival -pode-se então originar características de agressividade.

A pulsão erótica é, segundo Kelh (2009) a tendência agressiva não é apenas um componente das pulsões de morte, mas também o que impele uma pessoa ao contato com outra, e isso porventura pode-se originar dos impulsos amorosos, de fusão ou aceitação. Pode-se notar a partir da figura traduzida das imagens fílmicas, em que após a discussão com John a personagem de Abigail tenta persuadi-lo a continuar o romance.

Figura 04: Cena do filme “As bruxas de Salém” Abigail e John



Fonte: <Retirado do Google imagens³⁰>

Na figura 04, notamos que o que leva Abigail a tomar essa atitude é a pulsão. O impulso de estar com John, um grau de erotismo da cena faz com que possamos entender um

³⁰ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=as+bruxas+de+salem+cenas+do+filme+1996&tbm=isch&ved=2ahUKEwiU3Ofjmq3tAhWyDdQKHRJUBjgQ2-cCegQIABAA&oq=as+bruxas+de+salem+cenas+do+filme+1996&gs_lcp=CgNpbWcQA1DcX1i8jAFg040BaABwAHgBgAGQA4gB_jOSAQgyLTE0LjguMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=IXDGX9THGbk0AaSqJnAAw&bih=597&biw=1242> acesso: 17 de novem 2020.

pouco mais sobre o que tange a personagem. Na última citação do *corpus* supracitada podemos destacar as frases “Abigail: Eu vi a sua cara quando ela me mandou embora e você me amava naquela hora e me ama agora! John: Abby, posso pensar em você com carinho de vez enquanto. Mas corto fora a minha mão antes de tocar você outra vez. Tire isso da cabeça.” Miller(2009,p, 287). Destacamos com mais veemência essas duas frases em virtude de traçarmos um panorama sobre o processo de castração de Abigail. Afinal a personagem não ama John, ela o necessita, para manter-se no controle daquela paixão. Quando o personagem não deseja mais continuar com o caso amoroso há a perda. Do controle da situação e do desejo sexual que devido à rejeição é reprimido, é o narcisismo ferido de Abigail que resulta entre duas linhas tênues do seu discurso.

As primeiras características de suas reações resultam do desejo que vem das pulsões sexuais, do ponto Eros e suas características eróticas para manter a vida do contato com o outro ser humano, para suprir o anseio de pertencimento, por isso vemos refletido a ânsia sexual da personagem afinal é desta pulsão de vida partindo da castração e da rejeição do seu objeto romântico, que gera-se uma nova pulsão: Thanatos que resulta em morte e, portanto, a agressividade quando Abigail afirmar que ele a ama tentando aplacar seu ego ferido.

Ao mesmo tempo em que ela projeta o seu fracasso na figura de outra pessoa, a que seria sua opositora, a esposa de John, Elisabeth Proctor. Quando ela percebe que perdeu aquilo que desfrutou, que suas expectativas e desejos foram castrados, abre-se diversas possibilidades. Seja através da manutenção ilusória de amor- portanto do narcisismo- Ou em novos eventos que podem colocar em evidência a perda, o ódio, a vingança e outros tipos de afetos oriundos das pulsões de morte.

Figura 05: Cena do filme– Abigail discute com John Proctor



Eu conheço você John Proctor,
você me ama. Seja lá o que
você chama de pecado, mas você ainda me ama.

Fonte: <retirado do Google imagens³¹>

³¹Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=as+bruxas+de+salem+abigail+e+john+1996+cenas+do+filme&tbm=isch&v>>

Ao analisarmos a figura 05, notamos que a personagem volta-se para a busca por manter seu narcisismo e, portanto, vai de encontro a novas formas de pulsões a fim de aplacar o ego ferido. A rejeição proveniente de sua paixão amorosa resulta na sensação de abandono que Abigail experimenta em que podemos perceber através do que reverbera em seu discurso, que precisa reafirmar a paixão e aquilo que foi projetado sobre John em sua pisque.

No contexto da trama e ponto de partida das ações dramáticas em *As bruxas de Sálem* (2009) está em Abigail, pois é devido a sua liderança que as acusações se difundem pelo povoado, é devido as suas ações movidas não pelo amor, mas pelos traços de pulsões de morte como a vingança proveniente da paixão amorosa por John Proctor, que nos permite traçar o seguinte panorama: A personagem em virtude das pulsões amorosas encontra na histeria coletiva uma forma de conseguir destruir sua rival, Elizabeth.

Seguindo essa linha de raciocínio, é através desses processos que permitimos traçar o panorama do que ocorreu em Salém, a partir desse foco narrativo como podemos perceber a partir de Miller (2009):

ELIZABETH: O representante do governador prometeu que enforca se não confessarem, Jonh. A cidade enlouqueceu, eu acho. Ela falou de Abigail e, ouvindo, parecia que ela era uma santa. Abigail levou as outras meninas para o tribunal e quando ela passa o povo abre alas como o mar para os judeus. E levam as pessoas até a elas e elas gritam, uivam, caem no chão... a pessoa vai para cadeia porque enfeitou as meninas.

PROCTOR (*espantado*) Ah, é uma tramóia imunda. [...]

ELIZABETH: Ela não disse que não tinha nada a ver co bruxaria. Não disse?

PROCTOR: (*imerso em pensamento*) É disse.[...]

ELIZABETH: Eu iria para Salém agora, John... vá agora à noite.

PROCTOR: Vou pensar. Só estou pensando como eu posso provar o que ela me contou, Elizabeth. Se a moça agora é uma santa, acho que não é fácil provar que ela é uma fraude e que a cidade enlouqueceu. Ela falou comigo numa sala vazia... não tenho nenhuma prova disso.

ELIZABETH: Estava sozinho com ela?

PROCTOR: Por um momento, sozinho, sim.

PROCTOR: (*em alerta solene*) Você não vai mais me julgar Elizabeth.eu tenho boas razões para pensar antes de julgar Abigail de fraude e vou pensar nisso. Você cuide de si mesma em vez de continuar julgando o seu marido. Eu esqueci de Abigail e..

ELIZABETH: e de mim. (MILLER, 2009, p. 311 – 312)

Ao observamos o relacionamento entre John e Elizabeth, não é das melhores após a traição, assim como o fato de que as acusações das pessoas em Salém não estavam

relacionadas aos atos de bruxaria, mas sim, uma forma de que Abigail conseguisse eliminar sua rival. O que resultou na morte, e nas acusações de outros indivíduos da comunidade e por fim daquele que esta afirmava amar.

É através do rechaçar de John Proctor que Abigail reage, não através do amor sublime que resulta em um amor veraneio, de felicidade mesmo perante as inconstâncias, mas a partir da ótica da paixão romântica que por muitas vezes pode originar a vingança, a agressividade, a angustia que está intimamente ligada ao processo de castração da personagem.

É do ressentimento que as pulsões surgiram em Abigail e, por isso, a morte de outros sejam estes a margem ou não da sociedade puritana de Salém não lhe importavam, as acusações de bruxaria na perspectiva desta, é uma cortina de fumaça para que tanto as outras pessoas – que por muito desejavam as terras, por rixas entre vizinhos e outros por desejarem permanecer no topo das relações de poder- quanto Abigail pudesse conseguir seu objetivo de recuperar John, para apaziguar seu narcisismo ferido.

De acordo com Palonsky (1997, p. 32) assim podemos dizer que “o recalque da castração do Outro é o mecanismo por excelência da histeria”, isto é, em referência a personagem de Abigail, é a castração proveniente de sua paixão por John Proctor, do recalque deste por sua castração que resulta em um processo de histeria que concomitantemente, está relacionado à insatisfação que pode provocar angustias, que por sua vez, resulta em vingança.

MARRY WARREN(*aponta Elizabeth*) Salvei a vida dela hoje!

ELIZABETH: (*baixo*) eu fui acusada?

MARRY WARREN (*tremendo*)Falaram da senhora, mas eu disse que nunca vi nenhum sinal da senhora mandar seu espírito fazer mal para ninguém e, como eu vivo tão perto da senhora, eles desistiram.

[...] ELIZABETH: A força está amarda!

PROCTOR: Não haverá força.

ELIZABETH: Ela quer me ver morta, John, você sabe disso!

ELIZABETH: Quer me fazer um favor nessa história? Fale com Abigail.

PROCTOR: (*a alma endurecendo*) Falar o que com Abigail?

ELIZABETH: (*Delicadamente*) John... me prometa isso. Você não entende direito uma moça nova. Uma promessa feita em qualquer cama...

PROCTOR: Que promessa?

ELIZABETH: Falada ou muda, é claro que existe uma promessa. E ela pode ter enlouquecido agora... tenho certeza que sim... e pensa em me matar para tomar o meu lugar. (MILLER, 2009, p. 316)

Se observarmos as falas destes personagens, o desejo de Abigail fica em evidência. São as pulsões de morte, de vingança e destruição que permeiam suas ações, primeiro acusando mulheres que estavam à margem para que o caminho pudesse ser feito até seu alvo final. Elizabeth sabe dos desejos de Abigail e por isso teme pela morte. O que move a

personagem de Abigail Willians é o desejo de ser, de pertencimento que esta projeta no homem, no seu objeto romântico.

A insatisfação com o outro que torna o processo de castração da personagem algo tão significativo e que resulta não somente na perda do objeto (ele), mas também das suas próprias convicções, indo de encontro a falta de ética e a perversidade. O que Abigail trama em relação a Elizabeth Proctor, nada mais é do que a necessidade de buscar retornar ao estágio de satisfação, proveniente do início das inspirações de sua paixão amorosa.

É necessário salientar a presença da “outra” que a partir dos estudos de Palonsky (1997) notamos que é através de uma outra mulher, olhada a partir da ótica de um homem, que a mulher pretende alcançar um status de feminilidade ou de pertencimento. Em *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009), Abigail tem como referência Elizabeth, como um lugar de estrutura, como um ideal para alcançar, e por isso deseja aniquilá-la.

O que fica evidente ainda no ato II em que a criada dos Proctor's, Mary Warren, dá de presente uma boneca após vir do julgamento e está junto a Abigail a senhora Proctor, sendo este objeto o agente condutor para que a vingança da personagem se edificasse e pudesse colocar em duvida a honestidade religiosa da sua rival, e por consequência ocupar o seu lugar após sua morte devido a acusação de bruxaria.

CHEEVER: Tenho um mandado para sua mulher.

PROCTOR (*para Hale*) O senhor disse que ela não era acusada!

HALE: Eu não sabia disso. (*para cheever*) Quando ela foi acusada?

CHEEVER: Me deram dezesseis mandados agora de noite reverendo. E um é dela.

PROCTOR: Quem a acusou ?

CHEEVER: Ora, pois Abigail Williams acusou ela.

PROCTOR: Com base em quê, com base em quê?

CHEEVER: Senhor Proctor, eu tenho pouco tempo. O tribunal mandou eu revistar sua casa, mas eu não gosto de revistar uma casa. Então o senhor pode me entregar as bonecas que a sua mulher guarda aqui?

PROCTOR: Que bonecas?

CHEEVER : (*envergonhado, olhando para o aparador onde está a boneca de Mary Warren*) Eu estou vendo uma boneca, irmã Proctor.

ELIZABETH: Ah, ora isso é de Mary! [...]

HALE: O que significa uma boneca senhor Cheever?

CHEEVER(*vira a boneca nas mãos*) Ora, disseram que pode significar que ela...(*El ergue a saia da boneca e arregala os olhos, anônimo de medo*) Ora, isto, isto...

PROCTOR (*tenta pegar a boneca*) O que tem aí?

CHEEVER: Ora...(*tira uma longa agulha de dentro da boneca*)...é uma agulha! Herrick, Herrick, é uma agulha!

PROCTOR: (*Zangado e confuso*) E o que quer dizer uma agulha?

CHEEVER: (*olhos arregalados*) A moça. A moça Williams, Abigail Williams, meu senhor. Ela sentou hoje para jantar na casa do reverendo Parris, e sem uma palavra de aviso ela caiu no chão. Feito um bicho abatido, ela falou e deu um grito que até um touro chorava de ouvir. E ele vai atender a moça e enviada um tanto assim a carne da barriga dela ele tirou uma agulha. E quando ele perguntou como era que tinham enfiado aquilo nela, ele (*agora para proctor*) testemunhou que foi o espírito familiar da sua mulher que enfiou aquilo. (MILLER, 2009, p. 326 -328)

É nessa conjectura de deturpar e subtrair a figura da outra mulher (neste caso Elizabeth Proctor) que Abigail é capaz de se perfurar, de causar dano a sua matéria para conseguir usurpar o lugar da outra, nesta perspectiva o caráter histórico da personagem fica em evidência . De acordo com o que postula Palonsky (1997,. p, 61) “A mulher sempre está olhando para uma outra mulher, só que no caso o faz através de um homem.”

Podemos constatar que as atitudes de Abigail estão relacionadas tanto a castração como também a presença de outra mulher que se caracteriza como a rival, a outra, e que ao destruir-la poderia estar no lugar que desejava. É através de John que Abigail vê Elizabeth como um referencial daquilo que deseja possuir, assim como o impedimento para voltar a conjectura de repouso inicial de sua paixão romântica, do complacente das pulsões eróticas, daquilo que fora perdido e que não pode retornar devido à presença da sua rival.

Tais perspectivas ficam em ênfase na segunda cena do ato II, quando John Proctor tenta convencer Abigail a parar as acusações, sobretudo devido a Elizabeth.Há passado os meses, e o julgamento estava próximo.

Figura 06: Filme as bruxas de Salém- Correspondente ao ato II- cena na floresta



Fonte: <retirado do google imagens³²>

Na figura 06, representa no filme uma discussão entre John Proctor e Abigail Williams, é necessário salientar que esta cena foi feita durante o dia para o cinema, enquanto que na peça *As bruxas de Salém* há um ar soturno para a construção do cenário e a conversação da personagem, em virtude de que acontece no interior da floresta a noite. Do

³² Disponível

em: <https://www.google.com/search?q=morte+de+john+proctor&tbm=isch&ved=2ahUKEwiq4Lrtmq3tAhWE CdQKHQvbASQQ2-cCegQIABAA&oq=morte+de+john+proctor&gs_lcp=CgNpbWcQAzoCCAA6BAgAEEM6BAgAEB46BAgAEBM6CAGAEAgQHhATOGYIABAEeBM6BggAEAgQHIDbnypY1MkqYNrLKmgAcAB4AIAB1QKIAb0pkgEGMi0xNi40mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWewAQDAAQE&scient=img&ei=NXDGX-rxJ4ST0AaLtoegAg&bih=597&biw=1242#imgsrc=nGtf2kPSJhSndM> Acesso em 12 de novem de 2020.

que tange os termos narrativos, nesta parte da peça nos possibilita olharmos com maior veemência para a construção da personagem de Abigail e traçarmos o panorama sobre sua personalidade. Segundo Miller (2009):

PROCTOR: Preciso falar (*hesitaste*) com você, Abigail. (*ela não se mexe e olha para ele*) Quer sentar?

ABIGAIL: Como você vem?

PROCTOR: Como amigo.[...] Ah ?E como você sofre Abby?

ABIGAIL (*levanta a camisola*)olhe a minha perna. Estou cheia de furos dessas malditas agulhas e alfinetes. O golpe que a sua mulher me deu ainda não cicatrizou sabia?

PROCTOR: (*Vê a loucura dela agora*) Ah, não![...] Abby, vai gritar para mais gente ainda?

ABIGAIL: Se eu viver, se eu não for morta, eu vou, com certeza. Até o ultimo hipócrita morrer.[...] ah John vou ser uma esposa tão boa para você quando o mundo estiver limpo de novo(*beija a mão dele*)Você vai se deslumbrar comigo todo dia (*ele se levanta, recua, perplexo*) por que você está frio?

PROCTOR: Minha mulher vai ser julgada amanhã Abigail.

ABIGAIL: Me tirou da cama para falar dela?

PROCTOR: Vim falar para você Abby o que vou fazer amanhã no tribunal.[...] Se você não liberar minha esposa amanhã vou acabar com você Abby!

ABIGAIL: E o que vai contar?Vai confessar a fornicação? No tribunal?

PROCTOR:Se você quer assim, é isso que vou dizer! Você vai dizer que é cega para espíritos. Que não vê nenhuma bruxa, se não faço você ficar famosa como a vadia que é!

ABIGAIL: nunca neste mundo! Eu conheço você John... você neste momento está cantando aleluias porque a sua mulher vai ser enforcada!

PROCTOR: vagabunda, louca e assassina! (MILLER, 2009, p. 382 -385)

Ao observamos os aspectos supracitados, notamos que a personagem está evidentemente em desequilíbrio emocional. A presença de Elizabeth Proctor representa para Abigail um impedimento para suas expectativas de paixão amorosa, desta forma o assassinato, a morte de terceiros para ela não há devida importância. Segundo Palonsky (1997, p. 61) “A necessidade que essa outra mulher exista é tal que se ela já não fizer parte da vida em questão, a histérica vai, de alguma maneira orientar o homem procurar outra mulher para preencher o lugar”.

Seguindo essa linha de pensamento, Abigail propõe que ela seja a outra mulher, a que ocuparia o lugar de Elizabeth, a necessidade de evitar a angustia da perda de John Proctor e o processo de castração da personagem faz com que esta seja capaz de se ferir, de ir além do que fora saudável, ou dos afetos alegres. Não existe amor no caso entre os personagens.

Há por parte de Abigail o desejo que seu objeto amoroso torne-se o ponto central da sua existência, que o casamento ocorra com John Proctor e seus anseios sejam de felicidade eterna. Tamanho o narcisismo da personagem que fica evidenciado a partir da frase ‘Ah John

vou ser uma esposa tão boa para você quando o mundo estiver limpo de novo'. Miller(2009, p, 385) Esse terreno é fértil para as frustrações mantém a ideia do amor idealizado.

Deste modo, o amor que supostamente a personagem sente- supostamente, pois não há evidência de amor sublime, mas sim de castração e paixão- nada mais é do que o resultante estágio de manter a ideia de um amor idealizado. Que por muitas vezes deturpa ou expõe uma personalidade frágil de afetos e de caráter insalubre. Tais perspectivas fazem com que quando John decide expor o caso entre os dois e as verdadeiras intenções o enredo da peça toma outro caminho.

Posto isto, é desse reagir que vêm suas pulsões, que se transformam na impulsividade, na raiva, no desejo sexual reprimido, e por último em morte. Para Freud (1974, p.166) “O amor para Aquele que vive em estado consciente de amor, não causa dano à natureza. Vive em harmonia consigo mesmo e com o todo. Assim, o termo correto de amor ao próximo é: ama a teu próximo como este te ama”.

Sendo assim não há estágio de amor entre Abigail e John Proctor, pois não há harmonia para com o todo, por mais que as pulsões possam permitir o sujeito de encontrar o âmbito do amor, neste caso, a inconstância, a castração e as pulsões de morte não deram lugar as pulsões de vida, e, portanto a personagem move-se para a ressentimento, mesmo perante aquele que esta acredita ser, amado. A partir do momento que John Proctor expõe o caso entre eles para tentar salvar Elizabeth que se encontra grávida, a situação termina de forma conflitante e ele também acaba sendo acusado pela prática de bruxaria. A paixão amorosa de Abigail tem um estágio que não compreende a frustração, que não respeita a individualidade do seu objetivo amoroso. A ausência de John para ela, é o vácuo, a perda. E dessa forma a ação. Observamos a figura a seguir:

Figura 07: Última cena do filme- A morte de John Proctor



Fonte: <retirado do Google imagens³³>

Na figura 07, há o resultado da paixão amorosa de Abigail Williams, ele acaba sendo acusado de bruxaria, e por não querer confessar, para não expor seu nome, John acaba sendo enforcado junto de outros. A acusação é evidenciada a partir do ato III,

PROCTOR: Eu conheci essa moça excelência, estive com ela. [...] No lugar apropriado, onde meus animais dormem, na última noite de minha alegria, uns oito meses atrás. Ela trabalhava na minha casa meu senhor [...] Minha esposa, minha esposa querida, pegou essa moça logo depois, meu senhor e pôs na rua. E sendo o que é, um poço de vaidade... ela quer dançar comigo no túmulo da minha esposa! E vai conseguir, porque pensei nela com ternura. Deus me ajude pois pequei.

PROCTOR: Mary conte para o governador o que... (*ele mal diz uma palavra quando ela vendo que ele vem vindo, corre para fora de seu alcance, gritando horrorizada*)

MARY WARREN (aponta *proctor*) o senhor é o homem do diabo!(MILLER, 2009, p. 354- 360)

É devido aos atos insanos de Abigail e por tentar manter seu nome imaculado que a mesma acaba levando John a ser acusado por Mary Warren, a partir disso, a trama toma outra proporção, Elizabeth acaba não sendo enforcada em *virtude* da gravidez, o reverendo Hale percebe a situação, porém já não é possível fazer nada, afinal John não queria confessar. Como podemos notar na seguinte citação do IV ato de Miller(2009):

HALE: Mulher, insista com ele!(*ele está correndo pela porta, depois volta até ela*) Mulher! Isso é orgulho! É vaidade!(*ela evita os olhos dele sai de perto da janela, Ele cai de joelhos*) Ajude seu marido!

ELIZABETH: (*apoia-se para não cair, agarra as grades da janela, com um grito*) Ele tem de volta a sua bondade agora. Deus me livre de tirar isso dele! (Miller, 2009, p,380)

Desta forma, John restabelece seu nome ao ser enforcado. Portanto através das buscas narcisista de Abigail que John é levado ao cadafalso, resultando em sua morte.O autor, Arthur Miller diz que segundo lendas Abigail anos depois tornou-se prostituta em Boston enquanto que outros personagens como o reverendo Parris é destituído do cargo.Desta forma *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009), tornou-se um reflexo através do texto ficcional de como os “amores”, as bases sociais, as relações de poder, a perseguição ao diferente pode proporcionar construções simbólicas para a humanização daqueles que se deleitam pela literatura, fazendo desta um viés para evitarmos erros cometidos em nome do amor e da religião.

³³Disponível em

:<<https://www.google.com/search?q=enforcamento%20em%20as%20bruxa%20de%20salem%201996&tbm=isch&tbs=rimg:CW33XwEadZU6YU4bjmZwVlCo&hl=es&sa=X&ved=0CB4QuIBahcKEwjIkVdVna3tAhUAAA AHQAAAAAQCQ&biw=1226&bih=597#imgrc=Zer5DLV4vg2WkM>> acessado em: 17 de novem de 2020.

6 CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi desenvolvido a partir de uma análise de caráter analítica /interpretativa. Mediante aos fatores históricos através de Russall (1993 e 2019) e assim como o Sallmann(2002)e as teorias de ordem psicanalíticas com: Kehl(2009) , Lebrun(2009), Freudapud Chemama(1995), Lacan(1960) e Palonsky(1997) a fim de elucidar através da categoria personagem do texto dramático de Arthur Miller *As bruxas de Salém:uma peça em quatro atos (2009)* como as pulsões, oriundas dos afetos podem causar acontecimentos catastróficos, como a caça as bruxas.

A presente pesquisa intitulada “Da paixão à bruxaria: uma análise d’As Bruxas de Salém, de Arthur Miller” apresentou um estudo realizado por intermédio de análise acerca dos fatores históricos sobre a bruxaria e o discurso da personagem de Abigail Willians, pressupondo das teorias da psicanálise à luz do pensamento Freudiano, com referência ao perfil de controle e paixão amorosa doentia, presente na referida personagem em questão.

Nossa pesquisa encontrou segmentada em três momentos: 1) a bruxaria como o fator histórico e condutor da trama; 2) As relações entre a literatura e psicanálise a fim de evidenciarmos as pulsões e os afetos presentes nas personagens, em ênfase de Abigail Willians; e, por último, 3) análise do *corpus* em que podemos verificar a características simultânea de duas vertentes :o amor e a bruxaria.

Seguindo esta linha de pensamento, a abordagem partiu para a reflexão em que as acusações de bruxaria ocorridas na cidade de Salém que estavam relacionadas paulatinamente, as questões de ordem das pulsões da personagem Abigail Willians que levada por uma rejeição amorosa, dá início a um dos casos de acusações de bruxaria mais conhecidos por toda história da humanidade.

Estas características possibilitaram analisarmos que a caça às bruxas em Salém fora um movimento contra ao diferente e um veículo para que muitos expurgassem suas culpas e desejos, levados pelas pulsões provenientes dos afetos, assim, como na personagem Abigail que nos revela como o poder do discurso arraigado ao fundamentalismo religioso pode ocasionar situações terríveis como a morte de quase dezenove pessoas.

Portanto, a pertinência dessa investigação surgiu à luz das teorias da psicanálise e do texto literário e é de trazer uma análise através da narrativa para a reflexão sobre o papel da figura feminina em relação à bruxaria e de como a ausência de amor, como as paixões amorosas e destrutivas torna-se um fio condutor para a destruição das sociedades, sendo

assim, comprovar que a literatura pode ser um veículo para humanização e libertação do homem.

Desta maneira, o presente trabalho tem como relevância trazer uma singela contribuição para que casos como este não sejam esquecidos, posto isto, evidenciar que a literatura pode ser utilizada para a formação crítica. Para tanto, possibilitando que o sujeito venha a compreender sobre as construções sociais na atualidade, em que perante os avanços tecnológicos ainda possuem resquícios de preconceito, de amores destrutivos, de fundamentalismo religioso provenientes das pulsões ou /e da ignorância.

Esta temática possibilita-nos refletir sobre esses aspectos e do valor simbólico presente no texto dramático de Arthur Miller *As bruxas de Salém: uma peça em quatro atos* (2009) que já se faz presente na produção imagética através do cinema, para que possamos ir além das conjecturas do entretenimento, partindo para a fronteira de caráter crítico presente na obra literária que permite a produzir novos conhecimentos sobre a história e a caça às bruxas.

Desta forma, concluímos que as estratégias da personagem feminina de Abigail Willians, provenientes das pulsões, assim como, do panorama histórico da bruxaria no mundo e na literatura. Tornam-se mecanismos importantes para evidenciar os afetos procedentes das paixões amorosas e das estruturas do fundamentalismo religioso que, não obstante, ecoam ódio em divergência aqueles que estão à margem da sociedade.

Por fim, constatamos que as pulsões norteiam à narrativa, objeto dessa pesquisa, sendo o discurso da personagem Abigail Willians, a personificação dos afetos destrutivos que entrelaçados ao puritanismo produziram um dos piores episódios de histeria social. Desta maneira, torna-se notório que o texto ficcional e a realidade podem ser relacionados, como um espelho a fim de revelar com o evento histórico ocorrido em Salém em meados do século XVII e ainda produzem resquício de oposição na atualidade que persegue aqueles que se opõem as questões religiosas, de gênero, culturais ou /e sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. A bruxa: a face única da Deusa. *In*: BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As deusas, as bruxas e a Igreja**: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001. p. 327-386.

_____. O amor e a mulher. . *In*: BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As deusas, as bruxas e a Igreja**: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001. p. 249-275.

BROOKS, R. B. The Life of Nathaniel Hawthorne, 2011. Disponível em: <<https://historyofmassachusetts.org/nathaniel-hawthorne/>> Acesso em 20 Set. 2020.

_____. **Tituba: The Slave of Salem.** 2013. Disponível em:<<https://historyofmassachusetts.org/tituba-the-slave-of-salem/>> Acesso em 31 de out. 2020.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** : *histórias de deuses e heróis*. Tradução. David Jardim. Rio de Janeiro:Harper Collins, 2002.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Francisco FrankeSettineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salém**. 3.ed. São Paulo: Rosas dos tempos, 2019. *E-book*.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. Tradução: Maria Lucia machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Arthur Miller**: American Playwright. Disponível em:<<https://www.britannica.com/biography/Arthur-Miller-American-playwright>>. Acesso em: 30 Set. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século xxi escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOCOULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque ; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyla, 2004.

_____. **Conceitos essenciais**. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005. p. 86.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Arthur Miller**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/arthur_miller/>. Acesso em: 08 Agos.2020.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. *In*. FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos**. (1929) Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

KEHL, Maria Rita. A Psicanálise e o domínio das pulsões. *In.* NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KRAMER, Henrich.;SPRENGER, James. **O Martelo das feiticeiras**. São Paulo: Rosa dos ventos. 1995.

KUZNICK, Peter J. **A história não contada dos Estados Unidos**. São Paulo: Faro editorial, 2012. *E-book*.

LACAN, Jacques. **Seminário Livro 11: Os quatro conceitos cruciais da psicanálise** (1964). 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O seminário, livro 8: a transferência**. (1961) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise** Tradução: D. Lagache; P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEBRUN, Gérard. O conceito de Paixão. *In.* NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. 6. ed. Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2017

MILLER, Arthur. As bruxas de Salém. *In.*: **A morte de um caixeiro viajante e outras 4 peças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 269-386.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Luana Garcia de. Eros e Thanatos: A pulsão de vida no conceito Freudiano e o Homo Consumericus. **Revista Labirinto**, Amazônia, v.1. n.14. Dezembro.2010.

PALONSKY,Cíntia. **Estruturas clínicas na clínica: Histeria**. Belo Horizonte: Editora da PUC MINAS, 1997.

PAZ, Octavo. A dupla chama.Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano,1994.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos. *In:* **kaliopé**. São Paulo, v.5, n. 10.p, 70-79. Ago./dez. 2009.

ROUGEMONT, Denis de. O Mito na literatura. *In:* ROUGEMONT, Denis de. **A história do amor no ocidente**. Tradução: Paulo Brandi; Ethel Brandi. São Paulo: Ediouro, 2003. p, 239-327.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **História da feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

_____.**História da bruxaria**. Tradução: Álvaro Cabral; William Lagos. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SALLMAN, Jean-Michel. **As bruxas: noivas de Satã**. Tradução: Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

STATE, U.S. Department of. **An Outline of U.S. History.** Bureau of International Information Programs, 2011.